CAMARA MUNICIPAL DA ESTANCIA DE BRAGANCA PAULISTA

PROTOCOLO GERAL Nr.: 00313 / 2000

ABERTURA: 04/04/2000 HORA: 09:28

ESPECIE: PROJETO DE LEI DOCUMENTO: 16/2000

HISTORICO:

Dispoe na denominacao de via publica e da outras providencias.
ruas do loteamento Quinta da Baroneza

AUTORES: PLENARIO

NCLUÍDO EM:_____/_____/_____

CAMINHADO AO DDAP:_____/_____/_____

EA DE ATUAÇÃO:_____

SUNTO:_____

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313 / 00
Fls. 02

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

PROJETO DE LEI Nº 16 /2000

Dispõe sobre denominação de vias públicas e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL, FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA APROVOU, E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI :

Art. 1º As vias públicas sem denominação oficial, localizadas no Loteamento denominado Quinta da Baronesa, abaixo descritas, passam a vigorar com as seguintes denominações :

I - de Rua 01 (um) para **ALAMEDA DAS CESALPÍNIAS**;

II - de Rua 02 (dois) para **ALAMEDA DOS PLÁTANOS**;

III - de Rua 03 (três) para **ALAMEDA DAS SEQUÓIAS**;

IV - de Rua 04 (quatro) para **ALAMEDA DAS CASUARINAS**;

V - de Rua 05 (cinco) para **ALAMEDA DAS AROEIRAS**;

VI - de Rua 06 (seis) para **ALAMEDA DAS GREVILEAS**;

VII - de Rua 07 (sete) para **PRAÇA DOS RESEDÁS**;

VIII - de Rua 08 (oito) para **ALAMEDA DOS IPÊS**;

IX - de Rua 09 (nove) para **ALAMEDA DOS JEQUITIBÁS**;

X - de Rua 10 (dez) para **ALAMEDA DAS CASTANHEIRAS**;

XI - de Rua 11 (onze) para **RUA DAS PAINEIRAS**;

XII - de Rua 12 (doze) para **ALAMEDA DOS CEDROS**;

XIII - de Rua 13 (treze) para **ALAMEDA DOS JACARANDÁS.**

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

CASA DO PODER LEGISLATIVO DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA PAULISTA,
28 de março de 2000 – *238º da Fundação*

CÂMARA MUNICIPAL
- 4 ABR 09 28 00 000288
BRAGANÇA PAULISTA - SP

LEGALIDADE

REF. .....

PROCESSO FORMALMENTE EM ORDEM NO QUE
SE REFERE AOS ASPECTOS DA LEGALIDADE.

0 3 ABR 2000

Acimar Ap. Lucas
OAB-SP 71.519

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313 / 00
Fls. 03

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

a) ADILSON LEITÃO
Vereador - PMDB

a) ARNALDO DE CARVALHO PINTO
(*CARVALHO PINTO*)
Vereador - PSDB

a) BENEDITO APARECIDO DE CARVALHO
(*DITO DO ÔNIBUS*)
Vereador - PMDB

a) CLOVIS AMARAL GARCIA
(*CLOVINHO*)
Vereador - PFL

a) FABIO DE ASSIS LIVRERI
Vereador - PPB

a) JOÃO AFONSO SOLIS
(*JANGO*)
Vereador - PSDB

a) JOÃO SOARES SOUZA LIMA
Vereador - PDT

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313 / 00
Fls. 04

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

a) LUIS CARLOS FERREIRA
(VÉIO)
Vereador - PRTB

a) LUIZ VILLAÇA
Vereador - PFL

a) LUIZ GONZAGA PIRES MATHIAS
Vereador - PSDB

a) MARÇAL ALVES DE OLIVEIRA
Vereador - PMDB

a) MARCO ANTÔNIO MARCOLINO
Vereador - PL

a) MARCUS VINÍCIUS VALLE JÚNIOR
Vereador - PSDB

a) MIGUEL FRANCISCO LOPES
(*MIGUELZINHO*)
Vereador - PRTB

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313 / 00
Fls. 05

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

a) NELSON SASAHARA
Vereador - PPB

a) NICOLA CORTEZ
Vereador - PPB

a) PAULO MÁRIO
Vereador - PL

a) PAULO MIGUEL ZENORINI
Vereador - PPS

a) SERGINHO CONTI
Vereador - PSD

Prefeitura do Município de Bragança Paulista

GABINETE DO PREFEITO

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313 / 00
Fls. 06
a) m.

Ofício CM-010/2000

Em 13 de janeiro de 2000.

Excelentíssimo
Senhor Presidente,
Cordiais saudações.

Pelo presente, encaminho a Vossa Excelência, para os devidos fins e por solicitação do nobre vereador Adilson Leitão Xavier, certidão expedida pela Divisão de Receita desta Prefeitura, de que as ruas 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12 e 13, do loteamento Quintas da Baronesa, não possuem denominação oficial até a presente data.

Sendo só para o momento, aproveito a oportunidade para renovar meus protestos de alto apreço e distinta consideração.

Atenciosamente,

ANTONIO CELSO DIAS FILHO
Secretário Municipal de Governo

** EXERCA SUA CIDADANIA **

Excelentíssimo Senhor
Doutor Arnaldo de Carvalho Pinto
Digníssimo Presidente da Câmara Municipal de
BRAGANÇA PAULISTA

Av. Antonio Pires Pimentel, 2015 - Caixa Postal, 50 - CEP 12.900-000 - Bragança Paulista - SP
PABX: (011) 7844-2044 - Fax: (011) 7844-3877

BRAGANÇA 2000

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313/00
Fls. 04
a) ...

CERTIDÃO

CERTIFICO para os devidos fins, atendendo a solicitação do vereador **Adilson Leitão Xavier**, através do Ofício DEJ nº 01/2000, datado de 05 de janeiro de 2000, que as vias públicas conhecidas por *Ruas: 01; 02; 03; 04; 05; 06; 07; 08; 09; 10; 11; 12; e 13* do loteamento denominado Quintas da Baronesa, não possuem denominação oficial até a presente data.

Bragança Paulista, 11 de janeiro de 2000.-.-.

André Luis A. Martins
Téc. Cont.
Mat. 5589

Eliana das Neves
Cadastro Imobiliário

alam/2000

EXPEÇA-SE
Raul Silveira
Chefe da DIRE
MAT 4212

CAMARA BRAGANCA PTA. -14-Jan-2000-15:51-000140-2/2
** EXERCA SUA CIDADANIA **

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313 / 00
Fls. 88

cer.vi.car.tro.se *sf* (*cérvici+artrose*) *Pat* Artrose que atinge as articulações entre as vértebras cervicais.
cér.vi.ce *sf* (*lat cervix*) *Anat* **1** Região inicial e estreita de um órgão. **2** Colo uterino. *Var: cérvix.*
cérvici- *elem comp* (*lat cervice*) Exprime a idéia de colo, pescoço: *cerviciplexo.*
cer.vi.ci.ple.xo (*cs*) *adj* (*cérvici+plexo*) *Anat* Que tem plexo cervical.
cer.vi.ci.te *sf* (*cérvici+ite*[1]) *Med* Inflamação do colo uterino; metrite no colo do útero.
cérvico- *elem comp* (*lat cervice*) O mesmo que *cérvici-: cervicodínia.*
cer.vi.co.di.ni.a *sf* (*cérvico+ódino+ia*[1]) Dor no pescoço; mialgia cervical.
cer.vi.co.fa.ci.al *adj m+f* (*cérvico+facial*) *Anat* Relativo ou pertencente ao pescoço e à face: *Nervo cervicofacial.*
cer.vi.cór.neo *adj* (*cérvi+córneo*) *Zool* Que tem antenas semelhantes a cornos de cervo.
cer.vi.cu.la.do *adj* (*lat cervicula+ado*[3]) Semelhante a um pequeno pescoço.
cer.ví.deo *adj* (*cervo+ídeo*) *Zool* Relativo aos Cervídeos. *sm* Espécime da família dos Cervídeos.
Cer.ví.deos *sm pl Zool* Família (*Cervidae*) de mamíferos ruminantes da ordem dos Artiodátilos, que inclui cervos, alces e renas do hemisfério norte, e veados sul-americanos, estes compreendendo não mais do que sete espécies. Os chifres nestes animais se originam de pequena saliência do osso frontal; eles caem e se renovam periodicamente; assumem em certas espécies a forma de simples ponta, em outras a de uma galhada. Nestas, cada vez que o chifre se renova, surge uma ponta a mais. Com exceção da rena, as fêmeas dos Cervídeos não apresentam chifres.
cer.vi.guei.ra *sf* (*lat vulg *cervicaria*) *Vet* Doença na gengiva dos porcos, a qual lhes dificulta o comer.
cer.vi.lhei.ra[1] *sf* (*lat cerviliaria*) *ant* Parte da armadura que defendia a nuca e a cabeça.
cer.vi.lhei.ra[2] *sf Vet V cervigueira.*
cer.ví.me.tro *sm* (*cérvi(ci)+metro*) *Med* Instrumento para medir o colo do útero.
cer.vi.no *adj* (*lat cervinu*) Pertencente ou relativo a cervo ou veado.
cér.vix *sf* (*lat cervice*) *V cérvice.*
cer.viz *sf* (*lat cervice*) **1** *Anat* A parte posterior da cabeça, compreendendo a nuca e o pescoço. **2** Pescoço. **3** Cabeça. **4** Cume do monte. **5** Topo ou copa das árvores. *Curvar, dobrar a cerviz:* submeter-se a um jugo. *Levantar, sacudir a cerviz:* libertar-se de um jugo; revoltar-se.
Cer.vo *sm Zool* Gênero (*Cervus*) típico da família dos Cervídeos, que inclui espécies do hemisfério norte, como *Cervus elaphus,* que ocorre na Europa e na Ásia, *Cervus canadensis,* na América do Norte, e outras. No Brasil, onde não há espécie deste gênero, é uma designação popular do maior veado da nossa fauna (*Blastocerus dichotomus*), também chamado *veado-galheiro.*
cer.zi.dei.ra *sf* (*cerzir+deira*) **1** Mulher que cirze. **2** *Náut* Cabo das testas da gávea.
cer.zi.do *adj* (*part de cerzir*) Que se cerziu. *sm* Conserto em tecido rasgado que deixa a urdidura refeita, de modo que o trabalho é imperceptível ou quase imperceptível.
cer.zi.dor *adj + sm* (*cerzir+dor*[2]) **1** Que, ou aquele que cirze. **2** *pej* Diz-se do, ou o escritor cujos trabalhos não passam de compilação de obras alheias. *Fem: cerzideira.*
cer.zi.du.ra *sf* (*cerzir+dura*[1]) **1** Ato ou efeito de cerzir. **2** Costura do que foi cerzido.
cer.zi.men.to *sm* (*cerzir+mento*[2]) *V cerzidura.*
cer.zir (*lat sarcire*) *vtd* **1** Coser, remendar (um tecido), de modo que não se note o conserto. **2** Unir, juntar. **3** Entressachar, intercalar. Verbo irregular — Indic: Pres: *cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem. Subj: Pres: cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam. Imper: cirze.*
Ce.sal.pi.nia *sf Bot* Gênero (*Caesalpinia*) de árvores espinhosas tropicais, comumente pequenas, da família das Leguminosas, com folhas bipinuladas e pequenas flores verde-esbranquiçadas, amarelas ou avermelhadas em racemos vistosos. Inclui o pau-brasil e o catingueiro-de-folhas-miúdas.
Ce.sal.pi.ni.á.ceas *sf pl* (*Cesalpínia+áceas*) *Bot* Subfamília (*Caesalpiniaceae*) da família das Leguminosas que compreende árvores, arbustos e cipós, raras vezes ervas, com folhas paripenadas, flores hermafroditas, levemente zigomorfas, em regra pentâmeras, e cujo fruto é um legume. Em algumas classificações é dada como família.
ce.sal.pi.ni.á.ceo *adj* (*Cesalpínia+áceo*) *Bot* Relativo ou pertencente à subfamília das Cesalpiniáceas.
ce.sal.pi.no.í.dea *adj* (*Cesalpínia+óidea*) Relativo às Cesalpinoídeas. *sf* Espécime das Cesalpinoídeas.
Ce.sal.pi.no.í.deas *sf pl Bot* Subfamília da família das Leguminosas, de prefloração carenal, à qual pertence o pau-brasil.
ce.são *sm* (*lat caesone*) *Med* **1** Feto extraído por meio de operação cesariana. **2** Criança que veio à luz por meio de operação cesariana. *Var: ceso.*
cé.sar *sm* (*lat Caesar, np*) **1** Título comum ao general e ditador romano Júlio César e aos onze primeiros imperadores que, depois de César, governaram o Império Romano. **2** Rei, imperador, soberano. *Fem: cesarina.*
ce.sá.rea *adj + sf* (*lat caesareu*) O mesmo que *cesariana.*
ce.sá.reo *adj* (*lat caesareu*) **1** Relativo aos césares romanos. **2** Referente a rei ou imperador.
ce.sá.ria *sf* (*fr cisaille*) Máquina com que se aparam as folhas dos livros brochados.
ce.sa.ri.a.na *adj f* (*fr césarienne*) *Cir* Diz-se da operação que consiste em extrair o feto vivo por incisão nas paredes do ventre e do útero da mãe. *sf* Essa operação.
ce.sa.ri.a.no *adj* (*lat caesarianu*) Pertencente ou relativo a César ou ao cesarismo. *Var: cesarino.*
ce.sa.ri.na *sf* (*césar+ina*) Rainha, imperatriz.
ce.sa.ri.no *adj* (*césar+ino*[2]) *V cesariano.*
ce.sa.ris.mo *sm* (*César, np+ismo*) **1** Governo dos césares. **2** Governo autocrático de um só; autocracia, ditadura, absolutismo.
ce.sa.ris.ta *s m+f* (*César, np+ista*) Partidário ou partidária do cesarismo.
ce.sa.ri.zar (*césar+izar*) *vpr* Adotar o regime do cesarismo.
ce.sa.ro.pa.pis.mo *sm* (*cesár+o+papa+ismo*) **1** *Sociol* Tipo de organização social em que o poder espiritual fica subordinado ao temporal; este é representado por um potentado carismático (na História encontram-se apenas exemplos de um cesaropapismo relativo, porquanto a subordinação do poder espiritual nunca foi completa). **2** Exercício da autoridade suprema sobre assuntos eclesiásticos por um governante secular.
cé.sio *sm* (*lat caesiu*) **1** *Quím* Elemento metálico cor de prata, mole e dúctil, do grupo dos metais alcalinos, que é o elemento mais electropositivo conhecido. Encontrado comumente junto com rubídio e lítio (como na polacita) e usado especialmente em forma de seus compostos e ligas em válvulas eletrônicas e células fotelétricas. Símbolo Cs, número atômico 55, massa atômica 132,91. **2** *Ictiol* Peixe percídeo do Oceano Índico (*Coesius azuror*).
ce.so *sm* (*lat caesio*) O mesmo que *cesão.*
cés.pe.de *sm* (*lat cespite*) **1** Leira. **2** Torrão arrancado juntamente com erva curta e basta. **3** Porção de relva aderente ao torrão separado do solo.
ces.pi.to.so *adj* (*lat cespite+oso*) *Bot* **1** Que, da mesma raiz, lança vários troncos. **2** Disposto em maranha. **3** Que forma touceiras. **4** Que cresce em grupos, saindo do mesmo lugar: *Os conidióforos cespitosos de alguns cogumelos.*
ces.pí.tu.lo *sm* (*lat cespite+ulo*) *Bot* Conjunto de conidióforos que constituem a frutificação dos hifomicetes.
ces.sa.ção *sf* (*cessar+ção*) Ato ou efeito de cessar. *C. de armas* ou *de hostilidade:* armistício.
ces.sa.men.to *sm* (*cessar+mento*[2]) *V cessação.*
ces.san.te *adj m+f* (*lat cessante*) **1** Que cessa. **2** Diz-se do lucro que não se recebeu, que se deixou de fruir.
ces.são *sf* (*lat cessione*) **1** Ato de ceder; cedência. **2** Transferência de quaisquer bens ou direitos. *C. de crédito:* transferência que o credor faz de seus direitos a outrem (C. Beviláqua).
ces.sar (*lat cessare*) *vti e vint* **1** Acabar, parar: *Essa criança não cessa de chorar. De súbito, cessou a conversação. vtd* **2** Interromper; suspender: "O advogado cessou a réplica do adversário" (Carlos Góis). *vti* e *vint* **3** Deixar de; desistir: *Pedia-lhe que cessasse de mortificá-la.* "Não cessou até ser preso pela Inquisição" (J. F. Lisboa). *Antôn: continuar. Sem cessar:* incessantemente, continuamente.
ces.sar-fo.go *sm sing+pl* Em uma guerra, a interrupção dos combates. Geralmente, sua ocorrência foi negociada entre as partes.
ces.sa.ti.vo *sm* (*cessar+ivo*) *Gram* Aspecto, acepção 7, que indica o fim de um processo ou ação.
ces.si.bi.li.da.de *sf* (*cessível+i+dade*) Qualidade do que pode ser cedido ou transferido.
ces.si.o.ná.rio *sm* (*lat cessione+ário*) Aquele que faz ou em favor do qual faz alguém cessão de bens ou de direito.
ces.sí.vel *adj m+f* (*lat cessu+vel*) Que se pode ceder.
ces.ta (ê) *sf* (*lat cista*) **1** Receptáculo, geralmente de verga e com asa, para guardar ou transportar frutas, pequenas mercadorias, roupas etc. **2** *Esp* No basquetebol, rede de malha por onde se faz passar a bola. **3** Aparelho de vime semelhante a luva, com que se joga a péla ou pelota. **4** *Esp* Ponto simples ou duplo em bola-ao-cesto. *s m+f Esp V cestinha. C. básica:* grupo de produtos de primeira necessidade, como alimentos básicos, produtos de higiene e limpeza, cujos preços são controlados e mantidos em um patamar mínimo, mediante diminuição da tributação. *C.-rota:* pessoa chocalheira, que não sabe guardar segredos; cesto-roto, saco-roto.
ces.ta.da *sf* (*cesta+ada*[1]) O conteúdo de uma cesta ou de um cesto.
ces.tão *sm* (*cesta+ão*[2]) **1** Aumentativo de *cesto.* **2** Cesto grande que se enche de terra, em fortificação, para formar parapeito e abrigar os sitiantes. **3** Jangada para passagem de rios. **4** *Náut* Parte acessória do mastro da gávea.
ces.ta.ri.a *sf* (*cesto*[1]*+aria*) **1** Grande quantidade de cestos ou cestas. **2** Indústria de cesteiro. **3** Estabelecimento onde se vendem cestos.
ces.tei.ro *adj* (*cesto+eiro*) **1** Pertencente ou relativo a cesto. **2** Próprio para cesto. *sm* Fabricante ou vendedor de cestos ou cestas.
ces.ti.nha *s m+f* (*cesta+inha*) *Esp* Designação que se aplica ao jogador que fez mais pontos, ou cestas, para sua equipe, em uma partida de basquetebol; cesta.
ces.to[1] (*é*) *sm* (*lat caestu*) **1** Manopla de couro cru, chapeada de ferro, que os atletas usavam nos combates de pugilato. **2** Pugilato.
Ces.to[2] (*é*) *sm Zool* **1** Gênero (*Cestus*) de ctenóforos da ordem dos Céstodos que inclui o cinto-de-vênus. **2** O mesmo que *cinto-de-vênus.*
ces.to[3] (*ê*) *sm* (de *cesta*) **1** Cesta pequena. **2** Utensílio parecido com a cesta, porém mais fundo e às vezes com tampa. *C. da gávea, Náut:* plataforma horizontal, no alto de um mastro que a atravessa. *C. vindimo:* grande cesto de vime, para acarretar a uva na vindima; cabanejo. *C.-roto:* o mesmo que *cesta-rota.*
ces.to.bol *sm* (*cesto*[3]*+ingl ball*) *Esp V basquetebol* e *bola-ao-cesto.*
ces.to.bo.lis.ta *s m+f* (*cestobol+ista*) *Esp* Pessoa que joga bola-ao-cesto.
ces.to.bo.lís.ti.co *adj* (*cestobol+ista+ico*[2]) *Esp* Relativo ao jogo de bola-ao-cesto.
ces.to.cau.se *sf Med* Aplicação terapêutica, por meio de tubo, do vapor d'água superaquecido.
ces.to.dí.a.se *sf* (*Céstodo+íase*) *Med* Infestação com tênias.
ces.tó.fo.ro *adj* (*cesto*[3]*+foro*[2]) Que traz cesta.
ces.tói.de *adj m+f* (*cesto*[1]*+óide*) Que tem forma de cinto ou de fita.
ces.tói.deo *adj* (*Cesto*[2]*+óide+eo*) *Zool* Relativo ou pertencente aos Cestóideos. *sm* Platielmíntio da classe dos Cestóideos.
Ces.tói.deos *sm pl Zool* Classe (*Cestoidea*) de platielmíntios que compreende vermes parasíticos achatados no sentido dorsoventral, não ciliados, que consistem tipicamente em um escólex dife-

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/90
Fls. 03

plas.ti.fi.ca.dor *adj* (*plastificar+dor*[2]) Que plastifica.
plas.ti.fi.ca.do.ra *sf* (*plastificar+dor*[2], no *fem*) 1 *Art Gráf* Máquina para plastificar. 2 Estabelecimento especializado em plastificação.
plas.ti.fi.can.te *adj m+f* e *sm* (de *plastificar*) *V plasticizante.*
plas.ti.fi.car (*plástico+ficar*[2]) *vtd* 1 *V plasticizar*, acepção 1. 2 Cobrir (papéis, cartão, documentos etc.) com uma película de celofane ou qualquer plástico transparente, para melhor conservação.
plas.ti.li.na *sf Escult* Massa para modelar que não endurece, feita de argila misturada com óleo ou cera. *Var: plasticina.*
plas.ti.na *sf* (*plasto+ina*) *Biol* Substância acidófila, encontrada no núcleo das células.
plasto- *elem comp* (*gr plastós*) Exprime a idéia de formado, feito, organizado: *plastodinamia, plastogamia.*
plas.tó.ci.to *sm* (*plasto+cito*) Plaqueta sangüínea.
plas.to.di.na.mi.a *sf* (*plasto+dinamia*) *Fisiol* Força que constitui e preside o desenvolvimento dos órgãos.
plas.to.di.nâ.mi.co *adj* (*plasto+dinâmico*) Relativo à plastodinamia.
plas.to.ga.mi.a *sf* (*plasto+gamo*[2]*+ia*[1]) *Biol* União de dois seres unicelulares, com fusão do citoplasma e persistência dos dois núcleos como unidades distintas.
plas.to.gâ.mi.co *adj* (*plasto+gamo*[2]*+ico*[2]) Relativo à plastogamia.
plas.to.ge.ni.a *sf* (*plasto+geno+ia*[1]) *Biol* Reorganização dos elementos citoplasmáticos por fusão.
plas.tô.me.tro *sm* (*plasto+metro*[2]) Instrumento destinado a determinar a plasticidade de uma substância.
plas.to.ne.ma *sm* (*plasto+nema*) *Bot* Camada periférica, intensamente corável, do tecido esporogênico dos musgos.
plas.to.quí.mi.ca *sf* (*plasto+química*) *Tecn* Ciência e técnica da produção de matéria plástica.
plas.tos.so.mo *sm* (*plasto+somo*) *V condriossomo.*
plas.to.ti.pi.a *sf* (*plasto+tipo*[2]*+ia*[1]) *Tip* Processo de confecção de clichê tipográfico de plástico ou de borracha.
plas.to.tí.pi.co *adj* (*plastotipia+ico*[2]) Relativo à plastotipia.
plas.tra.da *sf* Mancha redonda.
plas.trão *sm* (*fr plastron*) 1 Gravata larga. 2 Almofada de esgrimista. 3 Couraça. 4 *Zool* Parte ventral da carapaça das tartarugas. 5 *Anat* Esterno dos mamíferos com as cartilagens costais. *P. náutico:* aparelho de salvação e de natação que consiste numa meia couraça formada por uma espécie de almofada de ar feita de lona impermeável.
plas.trei.rão *adj* + *sm* Diz-se do, ou o indivíduo gordo mas molengão; estafermo.
plas.trom *sm* (*fr plastron*) Plastrão.
plas.tur.gi.a *sf* (*plasto+urgo+ia*[1]) *Tecn* Técnica de transformar em objetos o material plástico.
pla.ta.ban.da *sf* (*fr plate-bande*) *V platibanda.*
pla.ta.for.ma *sf* (*fr plate-forme*) 1 Superfície plana, horizontal, mais alta que a área adjacente. 2 Construção de terra ou madeira de superfície plana, horizontal, sobre a qual assentam quaisquer objetos pesados. 3 Parte elevada, à altura do estribo dos vagões, nas estações de estradas de ferro, para facilitar o embarque e o desembarque dos passageiros; cais. 4 Base permanente ou temporária para a montagem de canhões. 5 Terraço, eirado. 6 *Constr* Teto plano, em forma de terraço. 7 Vagão raso ou sem bordos. 8 Estrado, nas duas extremidades dos bondes e outros carros por onde os passageiros entram e saem. 9 Pequeno espaço plano ou estrado elevado, numa locomotiva, para o maquinista; numa máquina, para o operário que nela trabalha; num alto-forno, para o carregamento etc. 10 *V plataforma giratória.* 11 *Geol* Área plana ou quase plana da superfície terrestre sólida, acima ou abaixo da superfície do mar, que se eleva acima das áreas adjacentes e é geralmente menor que um planalto. 12 *pop* Simulacro, aparência. 13 Proposta ou medida conciliatória; base para entendimento; base para negociações. 14 Programa de governo. 15 Discurso solene em que o candidato expõe esse programa. 16 *Inform* Tipo padrão de *hardware* que caracteriza uma série específica de computadores. *P. continental, Geol:* porção do relevo submarino contíguo ao litoral, de largura muito variável e 200 metros de profundidade média. *P. de abrasão, Geol:* a formada pelo trabalho prolongado do mar sobre a costa. *P. de hardware, Inform:* o padrão de um computador em particular, por exemplo, o PC. *P. de lançamento, Astronáut:* plataforma em que assentam, para lançamento, foguetes e mísseis. *P. de petróleo:* construção flutuante, geralmente instalada sobre a plataforma continental, com equipamentos para a extração de petróleo. *P. espacial, Astronáut:* o mesmo que *estação espacial. P. giratória:* grande disco giratório sobre o qual se colocam as locomotivas que se quer mudar de via.
pla.ta.for.mis.ta (*plataforma+ista*) *s m+f* Pessoa que trabalha em plataformas de petróleo.
pla.ta.gô.nio *sm* (*gr platagónion*) Antigo instrumento grego de percussão.
pla.tal *sm* (*cast*) *Reg* (Rio Grande do Sul) Grande quantidade de dinheiro.
pla.ta.le.í.deo *adj* (*lat cient Platalea+ídeo*[2]) Relativo aos Plataleídeos. *sm* Espécime dos Plataleídeos.
Pla.ta.le.í.deos *sm pl Ornit* Aves ardeiformes, da família *Plataleidae*, que possuem o bico, alargado na extremidade, lembrando uma espátula ou colher, e cujos representantes são os colhereiros.
pla.ta.ná.cea *sf* (*Plátano+ácea*) Espécime das Platanáceas.
Pla.ta.ná.ceas *sf pl Bot* Família (*Platanaceae*) de árvores da ordem Ranales, coextensiva com o gênero Plátano.
pla.ta.ná.ceo *adj* (*plátano+áceo*) *Bot* Pertencente ou relativo às Platanáceas.
pla.ta.nal *sm* (*plátano+al*[3]) Lugar plantado de plátanos.
pla.tâ.neo *adj* (*plátano+eo*) Que se refere a plátano.
pla.ta.nis.ta *sf* (*gr platanistés*) *Antig gr* Lugar sombreado de plátanos onde os jovens espartanos faziam exercícios.
pla.ta.nis.tí.deo *adj* (*gr platanistés*, grande peixe do Ganges+*ídeo*[2]) Relativo aos Platanistídeos. *sm* Espécime dos Platanistídeos.
Pla.ta.nis.tí.deos *sm pl Zool* Família de mamíferos da ordem dos Cetáceos, que compreende delfins de focinho largo e fino e dentes aguçados.
Plá.ta.no *sm* (*gr plátanos*) *Bot* 1 Gênero (*Platanus*) de árvores típico da família das Platanáceas que compreende os olmos, nativos nas regiões temperadas; têm casca escamosa lustrosa, às vezes decídua, grandes folhas palmadamente lobadas e pequenas flores monóicas em capítulos globosos. 2 Planta desse gênero. 3 Árvore de porte médio da família das Aceráceas (*Acer platanoides*), ornamental, aclimada no Brasil. *P.-bastardo:* espécie de bordo (*Acer pseudo-platanus*). *P.-do-oriente:* árvore platanácea (*Platanus orientalis*).
pla.ta.nói.de *adj m+f* (*plátano+óide*) *Bot* Que se assemelha ao plátano.
pla.téi.a *sf* (*fr platée*) 1 Pavimento de uma sala de espetáculo entre o palco e os camarotes. 2 Conjunto dos espectadores que estão nesse lugar: *A platéia reagiu com vaias.*
pla.tel.min.te *sm* (*plate+helminto*[1]) *V platielminto.*
Pla.tel.min.tes *sm pl V Platielmintos.*
pla.tel.min.to *sm* (*plati+helminto*[1]) *V platielminto.*
Pla.tel.min.tos *sm pl V Platielmintos.*
Pla.tê.mis *sm Zool* Gênero (*Platemys*) de quelônios da família dos Quelidídeos com várias espécies do Brasil, no qual se inclui a mais conhecida, *Platemys spixi*, chamada *cágado.*
pla.ten.se *adj m+f* e *s m+f* (*top Plata+ense*) *V platino*[1].
pla.te.res.co *adj* + *sm* (*cast plateresco*) *Bel-art* Diz-se do, ou o estilo típico do Renascimento espanhol, de ornatos sóbrios.
plati- *elem comp* (*gr platýs*) Exprime a idéia de chato, plano, dilatado: *platirrostro.*
pla.ti.ban.da *sf* (*fr plate-bande*) 1 *Constr* Grade ou muro que contorna a plataforma de um edifício 2 *Arquit* Moldura chata mais larga que saliente. 3 Grade ou muro que contorna um terraço, telhado etc. 4 Bordadura de canteiros de jardins.
pla.ti.bá.si.co *adj* (*plati+básico*) De base chata.
pla.ti.car.po *adj* (*plati+carpo*[2]) *Bot* Que dá fruto achatado.
pla.ti.ce.fa.li.a *sf* (*plati+céfalo+ia*[1]) *Antrop* Achatamento da abóbada craniana.
pla.ti.ce.fá.li.co *adj* (*plati+céfalo+ico*[2]) Relativo à platicefalia.
pla.ti.ce.fa.lí.deo *adj* (*platicéfalo+ídeo*[2]) *Ictiol* Relativo ou pertencente aos Platicefalídeos. *sm* Peixe da família dos Platicefalídeos.
Pla.ti.ce.fa.lí.deos *sm pl Ictiol* Família (*Platycephalidae*) de peixes que tem por tipo o gênero Platicéfalo.
pla.ti.cé.fa.lo *adj* (*plati+céfalo*) 1 *Antrop* Que apresenta platicefalia. 2 Que tem cabeça chata.
Pla.ti.cé.fa.los *sm pl Ictiol* Gênero (*Platycephalus*) típico da família dos Platicefalídeos que compreende peixes teleósteos acantopterígios de cabeça achatada.
Pla.ti.cer.co *sm Ornit* Gênero (*Platycercus*) de periquitos na maioria australianos.
Pla.ti.cé.rio *sm Bot* Gênero (*Platycerium*) de fetos tropicais da Ásia e Austrália, da família das Polipodiáceas, na maioria epifíticos, com grandes frondes lobadas, semelhantes a galhos de veado.
pla.tic.ne.mi.a *sf* (*plati+gr knéme+ia*[1]) *Antrop* Deformação da tíbia que apresenta achatamento em ambas as faces em forma de lâmina de sabre.
pla.tic.nê.mi.co *adj* (*plati+gr knéme+ico*[2]) 1 Relativo à platicnemia. 2 Que apresenta platicnemia.
pla.tic.ne.mo *adj* + *sm* (*plati+gr knéme*) Que, ou o que tem platicnemia.
pla.tí.co.po *adj* Relativo aos Platícopos. *sm* Espécime dos Platícopos.
Pla.tí.co.pos *sm pl Zool* Animais marinhos, artrópodes, crustáceos, da ordem *Platycopa.*
pla.tic.tê.nio *adj* (*plati+gr kteís, ktenós*, pente+*io*[2]) Relativo aos Platictênios. *sm* Espécime dos Platictênios.
Pla.tic.tê.nios *sm pl Zool* Gênero de insetos arquípteros, tentaculados, da ordem *Platyctenea*, cujas formas larvárias são parasitas de tunicados.
pla.tí.cúr.ti.ce *adj Estat* 1 Diz-se da curva de distribuição de freqüência mais achatada que a curva de Gauss. 2 Diz-se da distribuição de freqüência menos concentrada ao redor da média do que a correspondente distribuição normal.
pla.ti.cur.to.se *sf* (*plati+curtose*) *Estat* Propriedade de uma curva de freqüência ou de probabilidade mais achatada que a curva de Gauss.
pla.ti.dac.ti.li.a *sf* (*plati+dáctilo*[2]*+ia*[1]) *V platidatilia.*
pla.ti.dac.tí.li.co *adj* (*plati+dáctilo*[2]*+ico*[2]) *V platidatílico.*
pla.ti.dác.ti.lo *adj* (*plati+dáctilo*[2]) *V platidátilo.*
pla.ti.da.ti.li.a *sf* (*plati+dátilo*[2]*+ia*[1]) *Terat* Deformação que apresenta as pontas dos dedos achatadas, como em certos anuros. *Var: platidactilia.*
pla.ti.da.tí.li.co *adj* (*plati+dátilo*[2]*+ico*[2]) Relativo à platidatilia. *Var: platidactílico.*
pla.ti.dá.ti.lo *adj* (*plati+dátilo*[2]) Que apresenta platidatilia. *Var: platidáctilo.*
Pla.ti.e.dra *sf Entom* Gênero (*Platyedra*) de mariposas da família dos Gelequídeos, onde se inclui a *Platyedra gossypiella*, cuja forma larval, chamada *lagarta-rosada*, constitui uma das maiores pragas dos algodoeiros.
pla.ti.el.min.te *sm* (*plati+helminto*[2]) *V platielminto.*
Pla.ti.el.min.tes *sm pl V Platielmintos.*
pla.ti.el.min.tio *sm* (*plati+helmíntios*) *V platielminto.*
Pla.ti.el.min.tios *sm pl V Platielmintos.*
pla.ti.el.min.to *sm* (*plati + helminto*[2]) *Zool* Espécime dos Platielmintos.
Pla.ti.el.min.tos *sm pl Zool* Ramo (*Platyhelminthes*) de vermes achatados dorsaventralmente, hermafroditas, que compreende espécies parasitas das classes dos Cestóideos e Trematóideos e espécies de vida livre da classe dos Turbelários. *Var: platelminte, platelminto, platielminte* e *platielmíntio.*
pla.ti.fi.lo *adj* (*plati+filo*[2]) *Bot* Cujas folhas são largas.
pla.ti.glos.so *adj* (*plati+glosso*) *Zool* Que tem língua larga.

3
C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313/80
Fls. 10

árbitro, entre duas partes. 2 Depositário das somas com que, nas eleições de cargos públicos, se subornavam eleitores e peitavam juízes.

se.qües.trec.to.mi.a *sf* (*seqüestro+ectomia*) *Cir* Extração de um seqüestro.

se.qües.tro *sm* (*lat sequestru*) 1 Ação ou efeito de seqüestrar; seqüestração; arresto, penhora. 2 Estado de uma coisa entregue em mãos de terceiro por ordem judicial ou por convenção das partes; arresto, depósito, penhora. 3 *Dir* Depósito da coisa litigiosa. 4 A coisa seqüestrada. 5 A pessoa em cujas mãos se faz o depósito ou o seqüestro. 6 Apartamento, isolamento. 7 Retenção ilegal de pessoa em lugar não destinado à prisão. 8 *Cir* A parte necrosada que, em um osso afetado de necrose, se separa da porção não mortificada.

sé.qui *sm Ornit* Ave cuculídea africana (*Indicator major*), da família dos Indicatorídeos.

se.qui.a *sf pop* 1 Sede. 2 (de *secar*) Sequidão.

se.qui.ar *Reg* (Rio Grande do Sul) *vint* 1 Conversar. 2 Discutir.

se.qui.da.de *sf* (*seco+i+dade*) *V secura.*

se.qui.dão *sf V secura.*

se.qui.lho *sm* (*seco+ilho*) 1 Espécie de bolacha feita de ovos, farinha e açúcar; tareco. 2 Fruta seca. *Var: sequilo.*

se.qui.lo *sm Reg* (São Paulo) *V sequilho.*

se.qui.nho.so *adj* (de *seco*) 1 *ant* Sequioso. 2 Árido, seco.

Sé.quio *sm Bot* Gênero (*Sechium*) da família das Cucurbitáceas, que compreende ervas rastejantes com fruto de uma só semente e flores racemosas amarelas. Inclui o chuchu.

se.qui.o.so *adj* (*seco+oso*) 1 Que tem sede; sedento. 2 Falto de água, muito seco. 3 Ansioso de alguma coisa; ávido, cobiçoso, sôfrego.

se.quis.ta *adj m+f* (*secar*[1]*+ista*) *fam* Diz-se da pessoa secante, maçante. *s m+f* Essa pessoa.

sé.qui.to *sm* (*lat sequitu*) *V séqüito.*

sé.qüi.to *sm* (*lat sequitu, corr de secutu,* de *sequi*) 1 Conjunto de pessoas que acompanha outra ou outras por cortesia ou por dever oficial; acompanhamento, comitiva, cortejo. 2 Acompanhamento, seqüência. 3 *ant* Perseguição dirigida contra o inimigo. 4 Amizade, benevolência, popularidade, simpatia. *Var: séquito.*

Se.quói.a *sf Bot* 1 Gênero (*Sequoia*) de árvores coníferas gigantescas, da família das Taxodiáceas, que se distinguem por folhas decorrentes, não só lineares mas também em forma de sovela, e brotos de inverno com escamas imbricadas. 2 Planta desse gênero.

ser[1] (*lat sedere*) *vlig* 1 Possuir as características ou qualidades indicadas pelos adjetivos que acompanham e determinam o verbo: *As figuras eram muito vistosas. Somos gratos a V Exa. Aquela região era quase desértica.* 2 Designa, por antonomásia, a existência real e absoluta. (Neste sentido é que, na Sagrada Escritura, Deus diz de si mesmo: *Eu sou o que sou.*) *vint* 3 Existir, estar: *Neste lugar foi uma florescente cidade.* "E quando eu for só na Terra" (Gonçalves Dias). 4 Exprime a realidade em contraposição à mera aparência ou simples mostra: *Uma coisa é o que ela é. Uma é sincera, outra parece-o.* 5 Emprega-se em absoluto, no pretérito perfeito, para indicar que está completamente extinto, que já não existem sequer restos daquilo de que se trata: *Aqui foi Tróia. vlig* 6 Estar, ficar, tornar-se: "Sou triste quando em ti penso" (Gonçalves Dias). *vint* 7 Achar-se ou encontrar-se, em um dado momento, em um dado lugar; estar: *Sempre a teu lado serei. vti* e *vint* 8 Acontecer, ocorrer, suceder: *O nascimento foi a 5 de março. Teria ele quarenta anos quando foi do seu segundo casamento. Como foi o caso? vlig* 9 Causar, produzir, ser motivo de: *Era um prazer ouvi-lo. vti* 10 Estar conforme: *Ser de direito, ser de justiça. vint* 11 Indica o momento ou o ponto do tempo, a estação, a quadra ou época: *Eram já nove horas.* "Era sobre a tarde" (Frei Luís de Sousa). *vlig* 12 Consistir em: *O nosso azar foi não poder satisfazer todas as exigências regulamentares. vtd* 13 Igualar-se a: *Querer é poder. vlig* 14 Ter o cargo, o título, a categoria, a função etc. de: *Ser pedreiro. Ser um bom pai de família.* "Será um grande médico - pensa ela (a mãe de Villa-Lobos)" (Arnaldo Magalhães de Giacomo). "O infinito com sujeito nominativo é uma criação românica" (Theodoro Henrique Maurer Jr.). *vti* 15 Pertencer a, ter por dono: *Esta casa é de Pedro. vti* 16 Descender, proceder, provir de: *Somos da família Nogueira. Ele é de São Paulo. vti* 17 Custar, ter certo preço; valer: *A como é o quilo de açúcar? vti* 18 Acompanhar, assistir, proteger: *Deus seja convosco. vti* 19 Pertencer ou referir-se a: *O caso não é com você. vti* 20 Convir a, ser digno de, ser próprio de: *Esta lição foi de mestre abalizado. vti* 21 Ter certa medida ou peso: *O edifício será de trinta andares. vti* 22 Ser destinado a; ter aptidão, inclinação ou jeito para: *Ele não é para o trabalho. vti* 23 Convir, ser útil, servir ou valer para: *Logo saberão o que foi para a empresa a nossa colaboração. vti* 24 Defender, opinar por, seguir a doutrina ou o partido de: *A maioria dos deputados foi pelo aumento dos seus subsídios.* 25 Emprega-se como auxiliar na voz passiva de outros verbos: *Ser amado, ser querido, ser venerado.* 26 Emprega-se às vezes para dar ênfase à frase: *É nisto que consiste a dificuldade. Foi então que ele se apossou da coroa. Em ser:* a) por vender, que ainda não se vendeu, que está disponível na mesma espécie; b) *Com e Cont* Que foi produzido e verificado: *Lucros em ser. Não poder deixar de ser:* ser necessário ou irremediável; ter forçosamente de ser. *Não poder ser:* não ser possível, ser pouco provável. *Não ser para graças:* não gostar de brincadeiras; ser valente; ter gênio irascível. *São outros quinhentos, pop:* trata-se de outro assunto; isto não vem ao caso. *Seja como for:* seja isso assim ou não; como quer que seja. *Ser alguém:* ser pessoa importante e de valia. *Ser apenas um nome:* não ter realidade. *Ser bastante:* ter bens suficientes. *Ser bem:* ser aceitável, ser justo, ser para louvar. *Ser bicheiro em:* ser perito em. *Ser breve:* falar ou escrever em poucas palavras. *Ser caso:* acontecer, suceder. *Ser contra:* ser contrário a; atacar, combater, impugnar, ofender. *Ser dado a:* ser possível a; ter inclinação para. *Ser da gema:* ser genuíno. *Ser da mesma panelinha:* combinar bem com outras pessoas; estar mancomunado com elas. *Ser da pele de judas* ou *ser da pele do diabo:* a) estar afeito aos maus-tratos; não lhe doerem as pancadas; b) ser inquieto, buliçoso, traquinas. *Ser da pontinha, pop:* ser da melhor qualidade, da casta mais fina. *Ser de:* a) pertencer a; estar ligado a, ser solidário com; b) provir, derivar-se, ser oriundo, descender, proceder de; c) ser próprio de; d) consistir em; e) ter, possuir: *ser de pouco valor;* f) ter as propriedades de: *ser de mel;* g) nutrir, ter: *ser de opinião. Ser de bom penso:* engordar com facilidade. *Ser de crer:* ser crível; merecer fé. *Ser de dura:* prometer duração; ser capaz de resistir e durar. *Ser de fé:* dever aceitar-se como dogma; merecer crédito; ser coisa de que não se pode duvidar. *Ser de pontinhos:* ser exigente em matéria de delicadezas, de etiquetas. *Ser de presilha:* ser grande espertalhão. *Ser de sobra:* ser demais, ser superabundante. *Ser de ver:* ser digno de atenção, precisar ser visto primeiro para se julgar ou decidir. *Ser do jogo:* ser regra do jogo. *Ser duro da moleira:* ser moroso em compreender, ser pouco inteligente. *Ser estrangeiro no seu país:* não o conhecer. *Ser grosso para palito:* não admitir chalaças, motejos ou excessiva familiaridade. *Ser homem:* ter grandes qualidades ou aptidões. *Ser homem de:* a) ser o confidente ou o conselheiro de; b) ser o indivíduo competente para determinado fim. *Ser homem do seu país:* ser bom patriota. *Ser leão entre ovelhas:* alardear valentias com os fracos. *Ser levado da carepa:* o mesmo que *levado da breca. Ser livre com:* ter intimidade ou confiança com (alguém). *Ser luxo:* ser coisa dispensável, escusada, supérflua ou demasiada. *Ser mais papista que o papa* ou *ser mais realista que o rei:* ser mais exigente num assunto ou doutrina que o principal interessado nela. *Ser má peça:* ser capaz de pregar partidas, tratantadas etc. *Ser marca:* ser capaz. *Ser marimba que preto toca, pop:* servir de joguete, sofrer motejos. *Ser nada:* ser coisa de pouco valor, ser coisa frívola ou vã; não ter importância. *Ser oco da cabeça:* não ter juízo. *Ser o mesmo:* a) conservar invariáveis as qualidades, os sentimentos e opiniões; b) manter-se fiel aos princípios anteriormente afirmados; c) pouco importar que aconteça de um ou de outro modo; ser indiferente. *Ser o preço de:* ser o meio de conseguir, ser a condição principal. *Ser para:* a) ser destinado a; valer para; servir para; ser apto, capaz, conveniente, idôneo para; b) haver motivo ou razão para. *Ser por:* mostrar-se favorável a; seguir a política ou a doutrina de; estar resolvido a, estar prestes a. *Ser primeiro:* antecipar-se; avantajar-se; tomar a precedência. *Ser quem Deus deixou:* ser muito competente ou inigualável em dado mister.

ser[2] *sm* (de *ser*[1]) 1 Ente. 2 Ente humano. 3 Existência, vida. 4 Coisa que tem realidade no mundo dos sentidos. 5 Figura, forma; estado, modo de existir. *sm pl* A natureza; tudo quanto existe; o conjunto das criaturas. *Ser real:* o mesmo que *ente real. Ser de razão:* o mesmo que *ente de razão. Ser supremo:* o mesmo que *Ente supremo.*

se.ra *adj m+f Etnol* Relativo aos Seras, indígenas que vivem entre os rios Tiquié e Piraparaná. *s m+f* Indígena dessa tribo.

se.rá *interj* (de *ser*[1]) Exprime deferência com que se assente ou finge assentir e equivale a *talvez.*

se.ra.co *sm* (*fr suíço serac*) *Geol* Massa de gelo mais ou menos cubóide ou paralelepipedal entre as fendas longitudinais e transversais de uma geleira.

se.ra.co.má *adj m+f* O mesmo que *serecomá.*

se.ra.fa.na.da *sf Ornit* Ave ribeirinha de arribação (*Anas penelope*). *Var: serrafanada.*

se.rá.fi.ca *sf* (*fem de seráfico*) A ordem dos frades franciscanos.

se.rá.fi.co *adj* (*lat ecles seraphicu*) 1 Pertencente ou relativo aos serafins; angélico. 2 Digno dos serafins. 3 Semelhante a serafim em beleza ou devoção extática. 4 Que tem modos de devoto; místico, beatífico. 5 Designativo da ordem dos frades franciscanos.

se.ra.fim *sm* (*hebr seraphîm*) 1 *Teol* Anjo pertencente ao primeiro dos nove coros celestiais da hierarquia mais elevada. 2 Criatura de grande devoção. 3 Pessoa de sublime beleza e de excelsos predicados.

se.ra.fi.na[1] *sf ant* 1 Tecido de lã, próprio para forros, cortinas e outras aplicações. 2 Tela de lã, muito parecida com a baeta, adornada com grande variedade de flores e outros desenhos.

se.ra.fi.na[2] *sf Reg* (Nordeste) Órgão das igrejas.

se.ra.fi.zar (*seráf(ico)+izar*[3]) *vtd* e *vpr* Tornar(-se) seráfico.

se.ral *adj m+f* (*lat seru*) 1 Pertencente ou relativo à noite. 2 Que sucede de noite. 3 Diz-se das despesas que se fazem nos teatros com as luzes e com os serviços cada noite em que há espetáculo.

se.ran.co.li.no *sm* (de *Serancolino, np*) Mármore cor de ágata, dos Pireneus.

se.ran.gi.te *sf* (*gr sêragx, aggos+ite*[1]) *Med* 1 Inflamação de uma caverna, de uma cavidade. 2 *V cavernite.*

se.rão *sm* (*lat vulg *seranu,* de *seru*) 1 Tarefa ou trabalho noturno. 2 Remuneração desse trabalho. 3 Reunião familiar à noite; sarau. 4 As horas que decorrem em qualquer lar doméstico desde o anoitecer até o deitar. *Fazer serão:* trabalhar fora das horas habituais.

Se.rá.pia *sf Bot* Gênero (*Serapias*) de orquídeas terrestres da região mediterrânea, com flores de brácteas foliáceas, irregulares, esverdeadas ou purpúreas, em racemos. *Sin: Epipacte* (*Epipactis*).

se.rá.pi.co *adj* (*lat serapicu*) Suntuoso.

se.ra.pi.ei.ra *sf V sarapieira.*

se.ra.pi.lhei.ra *sf* (*lat sirpicularia,* de *sirpicula*) 1 Pano de estopa ou tecido grosseiro para envolver fardos. 2 Pano grosso de que os camponeses em Portugal fazem os seus vestuários. 3 Pano grosso, para limpeza ou lavagem de casas. 4 *Bot* Planta que nasce em terrenos de inferior qualidade. 5 Vegetação rala e rasteira, da mata virgem. 6 Designação das pequenas raízes de árvores que surgem à flor da terra. *Var: sarapilheira, sarrapilheira, serrapilheira.*

se.ra.pi.no *sm* (*Serápia+ino*[2]) *desus* Goma medicinal da serápia.

ser.bu.no *adj* Diz-se do cavalo de cor mais carregada que a do veado; castanho-escuro.

ser.dão *sm Mús* Flauta malaia, com quatro furos: três por cima e um por baixo, para o polegar.

se.re (*sé*) *adj m+f* Pertencente ou relativo aos seres, antigo povo asiático de que os gregos compravam a seda. *s m+f* Pessoa desse povo.

se.re.co.má *adj m+f Etnol* Pertencente ou relativo aos Serecomás, tribo do Norte do Brasil. *s m+f* Indígena dessa tribo. *Var: seracomá.*

se.rei.a *sf* (*lat sirena,* do *gr seirén*) 1 *Mit* Ser fabuloso cujo corpo era de mulher formosa, da cintura para cima, e de peixe, daí para baixo, terminado em cauda, dizendo a lenda que, com a harmonia do seu canto, atraía os navegantes para os escolhos, onde naufragavam e morriam. 2 Mulher sedutora. 3 Mulher cujo canto é suavíssimo e melodioso. 4 *Fís* Instrumento para determinar o número de vibrações correspondentes a cada

nista e se mostra particularmente sensível aos ideais republicanos. Desse meio e desse tempo é a sua amizade com Tobias Barreto, que acabaria em polêmica.

2 Em 1866 apaixona-se pela atriz portuguesa Eugênia Câmara, que exerceria importante influência na sua vida. Começa a escrever *Gonzaga ou A Revolução de Minas*, único texto teatral do poeta, levado à cena em 1867, em Salvador. Ainda no mesmo ano, já doente, transfere-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, cujo curso jamais terminaria. Numa ida ao Rio de Janeiro, trava contato com José de Alencar e com Machado de Assis. O reconhecimento, por parte de ambos, tornado público em jornais da época, foi um dos estímulos mais gratos que recebeu em sua curta existência.

3 **Projeção.** O retorno à Bahia, um ano antes da morte, traria ao poeta uma consagração definitiva, quando faz publicar *Espumas flutuantes* (1870), único livro que chega a ver editado. Todo o restante da obra se achava esparso em manuscritos ou impresso em revistas e jornais. O poeta havia começado a organizar o volume de *Os Escravos*, seu projeto mais ambicioso e que, infelizmente, permaneceu inconcluso. São, porém, sobretudo os poemas dessa obra, entre os quais "O navio negreiro" e "Vozes d'África" — com uma edição, em separado, de 1880 — que levariam os críticos a apontar o autor como o mais genuíno representante brasileiro do condoreirismo, comportamento artístico e poético que teve poucos seguidores no país e se origina na poesia grandiloqüente e épica de Victor Hugo.

4 Em Castro Alves a fonte principal desse modo de ser e de fazer, o que melhor definiria a presença de seu trabalho, se encontra nas causas sociais e humanitárias de um modo geral, e no problema da escravidão dos negros, em particular. Especialmente impressionável pelos eventos de natureza político-social, pois se educa num meio de pequena-burguesia embrionária, magnetizada pelas transformações da Europa da segunda metade do séc. XIX, o poeta se engaja — mais retórica do que criticamente — numa perspectiva histórica que contempla e interpreta com os olhos de seu tempo e seu lugar, de um ponto de vista de idealismo romântico e emocional.

5 Nesse sentido, todavia, distingue-se sobremodo de seus antecessores brasileiros, na medida mesma de sua participação exterior ou da extroversão e objetividade de sua arte, em outra escala, pois, da de um Álvares de Azevedo, tão romântico e idealista quanto ele, mas decididamente voltado para dentro, subjetivo, confessional. E por sua atenção predominantemente exteriorizada, por seu fascínio ante as causas públicas e de afirmação nacional, a matéria-prima de sua linguagem receberia também, e de modo pioneiro, influxos maiores e mais vivos do meio-ambiente em que cresceu e se fez como poeta. A crítica tem apontado o fundo caracteristicamente popular de alguns dos procedimentos mais típicos de sua poesia, em geral de uso consagrado na obra dos cantadores nordestinos.

6 Consegue, desse modo, quer como artista algo ingênuo e incorrigivelmente juvenil, quer, de outro lado, como porta-voz de uma classe média em formação, de cultura mal digerida e temperada pelos ideais europeus, conferir à sua poética um caráter pragmático poucas vezes encontrado nas letras brasileiras. Empenhando-se efetivamente no rumo da campanha abolicionista — muito embora com uma visão meramente piedosa da escravidão —, pouco mais do que isso precisaria para arrebatar a admiração de seus contemporâneos, tanto mais suscetíveis de segui-lo e exaltá-lo quanto mais jovens e impacientes.

Castro Alves, de S. R. Ferreira — Manchete Press
Academia Brasileira de Letras, Rio

7 **Produção.** Apressado como artesão do verso, poeta de tribuna, mais de sonoridades e efeitos declamatórios que de conteúdo e consciência estética, muitas vezes de esplêndido mau gosto e excessivamente fiel aos temas escolhidos, como quem advoga, como quem convoca, sua inspiração, sua compulsão para a poesia eram, porém, de tal generosidade, que lhe permitiram produzir algumas das obras de maior força expressional do romantismo brasileiro. Além dos poemas mencionados, são notáveis "O Livro e a América", "Mocidade e morte", "Ahasverus e o gênio" e sobretudo "O Sibarita romano", pela descrição e verberação impetuosa de um modelo do responsável concreto pela exploração escravista.

8 São também vigorosos e de real interesse os poemas em que retrata a natureza contemplada, onde comparecem belos flagrantes da paisagem sertaneja, como "O São Francisco", "A Queimada", "A Tarde" e "Crepúsculo sertanejo", todos de *A Cachoeira de Paulo Afonso*, publicação póstuma de 1876, mais tarde reunida a *Os Escravos*, em 1920. Engrandecendo-se nos poemas desse livro como poeta a serviço de uma causa, também nele deixou sua lírica mais feliz, principalmente em "Lucas", em "Tirana" e "A Canção do violeiro".

9 Algumas das poesias eróticas de Castro Alves tiveram grande aceitação de público e de crítica, não alcançando o seu lirismo amoroso uma receptividade muito menor que a dos seus poemas épicos. Muito ao contrário, espalhou-se, difundiu-se pelo Nordeste, chegando mesmo, em alguns casos, a ser absorvido pelo cancioneiro popular, folclorizando-se.

10 **Bibliografia.** Peixoto, Afrânio. *Castro Alves, o poeta e o poema*. São Paulo, 1942./ Haddad, Jamil Almansur. *Revisão de Castro Alves*. São Paulo, 1953. 3 v./ Calmon, Pedro. *História de Castro Alves*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1956./ Sayers, Raymond S. *The negro in Brazilian literature*. New York, 1956. / GAMA/CARP.

CASUARINÁCEA

1 **Etimologia.** O port. esp. *casuarinácea* é o lat. cient. *Casuarinaceae* (plural), tecnônimo botânico criado em 1814, do lat. cient. *Casuarina*, gênero estabelecido por Lineu (1707-1778), e sufixo *-aceae*, característico de família, em botânica. Os artículos da árvore lembram as penas rudimentares do *casuar*, ave australiana, daí o lat. cient. *Casuarina*.

2 **Características.** É família das dicotiledôneas, que compreende apenas as casuarinas, árvores aparentemente desprovidas de folhas, cujos ramos novos são formados de artículos verdes, estriados longitudinalmente. Em cada nó se inserem as folhas escamiformes, soldadas na base entre si, justapostas ao artículo, tão insignificantes que, para percebê-las sem usar lente, é preciso quebrar um artículo pelo nó e observá-lo contra a luz. As flores são pequenas, de sexo separado, reunidas em inflorescências também de sexo separado. Podem estar no mesmo pé ou, mais raramente, em pés diferentes.

2.1 As masculinas dispõem-se em espigas terminais, cada flor formada de apenas um estame, protegido por quatro pequenas brácteas, e as femininas, em glomérulos axilares, cada flor formada de um ovário de dois carpelos e duas lojas, protegido por três brácteas, que, ao amadurecer, se transforma em um fruto de uma loja apenas. Os frutos são aquênios protegidos por duas brácteas lenhificadas, reunidas em glomérulos, que lembram os cones das gimnospermas. Quando o glomérulo está maduro, as brácteas se afastam e libertam os frutos, que, por sua vez, deixam sair pequenas sementes aladas.

3 **Distribuição.** Distribuem-se as casuarináceas em um só gênero com cerca de cinqüenta espécies, dentre as quais se destaca a *casuarina* (*Casuarina equisetifolia*), originária da Austrália, Madagascar e ilhas do Sul, que se acha bem aclimatada em toda a América do Sul. É uma árvore muito grande, de tronco relativamente fino e ramos flexíveis, semelhante aos ciprestes. A madeira do tronco possui cerne pardacento manchado, e tem diversas aplicações na indústria naval e no fabrico de móveis. A planta contém tanino.

4 **Bibliografia.** Constantin, Paul. *Le monde des plantes*. Paris, 1894-1896. 2 v. (Merveilles de la nature). Joly, Ailton Brandão. *Botânica; introdução à taxonomia vegetal*. São Paulo [1966]./ LAUR/FROT.

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313,00
11
Rs.

CATACUMBAS

1 **Etimologia.** Em português e espanhol, *catacumbas* ocorre tardiamente, pelo séc. XVIII; o dicionário da Real Academia Española só o registra no plural, e Morais Silva (1813) também só o dá no plural. Nessas línguas, o singular é do séc. XIX. O fr. *catacombe* já é do séc. XIII, provável empréstimo ao it. *catacomba*. O dicionário da Real Academia Española dá-lhe como étimo o lat. *catacumba*, tardio, para o qual vê um étimo gr. *katá*, 'debaixo', e gr. *kýmbē*, 'oco, cavidade'. Morais Silva define *catacumbas* como "enterros em vãos feitos nas paredes, proporcionados aos cadáveres". A realidade é que o étimo do lat. *catacumbae* (feminino plural) é controverso; além da hipótese acima, há outras, inclusive a de um hipotético *catatumba*, 'tumba ou túmulo debaixo da terra'.

2 **Conceito.** Originariamente designação de cemitério subterrâneo na via Appia, o nome generalizou-se para todas as galerias funerárias em que eram sepultados os cristãos e que se localizavam principalmente nas cercanias de Roma, à margem das grandes estradas (via Aureliana, via Flaminia, via Latina, via Tiburtina etc.). O costume de enterrar os mortos fora das aglomerações e honrar-lhes a memória, contudo, não é inovação cristã.

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313/00
Fls. 12

sul da Ásia, hoje cultivada em todos os países das regiões tropicais e subtropicais. Seu fruto, a *manga*, é muito apreciado pelo valor nutritivo e delicado sabor e perfume. Entre as mais conhecidas variedades, convém citar: a *manga-rosa*, amarela matizada de rosa; a *manga-espada*, alongada e lateralmente achatada, que permanece mais ou menos verde; a *manga-bourbon*, mais ou menos esférica; e a manga *coração-de-boi*, com a forma de coração.

4 Distribuem-se as anacardiáceas em 79 gêneros, com cerca de 450 espécies, entre as quais salientam-se as que se seguem.

5 O *cajueiro (Anacardium occidentale)*, árvore brasileira, típicamente halófita, isto é, que se desenvolve muito bem em terrenos ricos em sais do mar, mas que pode ser cultivada nos campos do interior. Sua parte comestível, o *caju*, de grande valor nutritivo e rico em vitamina C, é o pedúnculo da flor dilatado e suculento. Quando maduro, apresenta-se amarelo levemente rajado de vermelho, doce e muito saboroso. O fruto propriamente dito é o que resulta do desenvolvimento do ovário, a castanha reniforme, que encima o pedúnculo. Crua, é tão cáustica que sua simples fumaça pode causar cegueira, mas depois de perder os óleos voláteis, pela assadura, torna-se comível e é muito apreciada em várias preparações culinárias.

6 Os *cajueiros-do-campo (Anacardium humile)*, que fornece saborosa castanha, e *Anacardium nanum*, também conhecido no Norte por *cajurana*, que fornece pequena drupa doce e muito saborosa. São estes cajueiros citados como exemplos típicos de adaptação às regiões secas das caatingas. Os caules tornaram-se, por seleção através dos tempos, inteiramente subterrâneos, funcionando mais como órgãos armazenadores de água. Encontram-se na superfície apenas pequenas touceiras de folhas interligadas subterraneamente por extenso sistema de ramos.

7 As *cajazeiras*, cujas principais espécies são: o *cajá-mirim, taperibá* ou *imbuzeiro (Spondias lutea)*, de fruto amarelo-alaranjado, polpa resinosa, ácida, aromática e muito gostosa; e o *cajá-manga* ou *cajarana (Spondias dulcis)*, de fruto amarelo-esverdeado, semente espinhosa envolta em polpa acidulada, comestível e considerada sedativa.

8 As *aroeiras-mansas*, compreendendo a *vermelha (Schinus terebinthifolius)*, freqüente nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro; a *mole (Schinus molle)*, encontrada no sul do Brasil, Argentina e Peru; e a *rasteira (Schinus weinmanniaefolius)*, dos cerrados, todas produtoras de madeira de má qualidade.

9 As *aroeiras-bravas* ou *brancas*, representadas pelas espécies *Lithraea molleoides* e *Lithraea brasiliensis*, afamadas por serem muito cáusticas. A simples emanação de suas folhas amassadas ou o pó da madeira pode causar urticária, havendo quem afirme ser perigoso dormir-se sob sua ramada.

10 As *falsas aroeiras*, que fornecem madeira de primeira qualidade, representadas pelo *gonçalo-alves (Astronium graveolens)*, pelo *aderno (Astronium commune)*, pelo *aderno preto (Astronium concinnum)* e por outras./ LAUR/FROT.

ANACREONTE

1 **Vida.** Poeta grego, em gr. Anakréōn, do séc. VI a.C., originário de Samos, na Jônia — atualmente Sigalik, na Turquia —, de cuja vida pouco se sabe. Sua carreira literária esteve associada à corte dos tiranos: primeiro em Samos, sob Policrates, depois em Atenas, na tirania de Hiparco. De sua obra restam poucos fragmentos, nos quais canta os prazeres do vinho, da mesa e do amor hetero e homossexual. Segundo vários críticos modernos, os fragmentos revelam "graça, frescor, elegância e rica imaginação". Não foram, porém, essas qualidades que tornaram Anacreonte um dos poetas mais importantes no dialeto jônico, e sim as *Odes* que mais tarde lhe foram atribuídas.

Anacreonte
estátua romana do séc. III d.C.
Museo dei Conservatori, Roma
The Bettmann Archive

2 **Projeção.** As *Odes* são 62 poemas escritos dentro da métrica e do estilo de Anacreonte. Foram compostas por diversos imitadores em diferentes épocas da "decadência grega" e estão impregnadas pela filosofia hedonista do séc. I a.C. e do séc. I da nossa era. O primeiro grupo de odes foi publicado na época bizantina, como apêndice à *Anthologia palatina*. A esse primeiro núcleo, poemas de outros imitadores gregos do período pós-classicista foram sendo acrescentados. Os temas preferidos são os mesmos de Anacreonte: o vinho e o amor.

3 Essa falsa poesia anacreôntica foi descoberta e publicada em 1554 pelo filólogo francês Henri Estienne, e teve grande influência na Renascença francesa: Pierre de Ronsard as traduziu e copiou em 1555, e Rémy Belleau fez o mesmo, em 1556. Novos imitadores foram surgindo por toda a Europa até o séc. XVIII, quando as *Odes* alcançaram enorme difusão na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na Espanha, em Portugal e na Suécia. Os dois momentos mais significativos da moderna poesia anacreôntica estão na segunda metade do séc. XVI — na França e na Itália — e na Arcádia do séc. XVIII, quando se difundiu por toda a arte européia, caracterizada por uma "simplicidade" rebuscada, frívola e voluptuosa.

4 O maior anacreôntico inglês é Robert Herrick, que teve numerosos sucessores até o começo do séc. XIX. Na Alemanha, as anacreônticas foram traduzidas e copiadas, em meados do séc. XVIII, por Friedrich von Hagedorn, e numerosos outros poetas. Na Itália os anacreônticos são, ao mesmo tempo, os poetas de Arcádia. Na Suécia, vale a pena citar Gustaf Filip Creutz. Na língua portuguesa, Antônio Feliciano de Castilho as traduziu e copiou em *Amor e melancolia* (1828), e Bocage fez uma admirável tradução da ode "Amor mordido por uma abelha".

5 **Bibliografia.** Fernández Galiano, Manuel. La lírica griega a la luz de los descubrimientos papirológicos. In: Congresso Español de Estudios Clásicos, 1., Madrid, 1956. *Actas*. [Madrid] 1958, p.111-9./ Gentili Bruno, comp. *Anacreon*. Romae, 1958./ ESTR/CARP.

ANÁLISE

Etimologia		I
Conceito matemático	I	1-3
Análise combinatória	II.	1-21
Análise funcional°	III.	1-7
Análise harmônica°	IV.	1-8
Análise numérica°	V.	1-12
Análise elementar	VI.	1-6
Análise conformacional°	VII.	1-15
Análise econômica	VIII.	1-15
Análise estatística	IX.	1-26
Análise componencial°	X.	1-33

1 **Etimologia.** O port. *análise*, esp. *análisis*, it. *analisi*, fr. *analyse*, ing. *analysis*, al. *Analyse*, é o lat. cient. *analysis*, de cerca de 1470, gr. *análysis*, 'dissolução de um conjunto em suas partes', derivado do gr. *analýein*, *analýō*, 'desatar', 'desato', e este do gr. *lýein*, *lýō*, 'soltar', 'solto'. As formas portuguesa, espanhola e italiana são do início do séc. XVII, a francesa é de fins do séc. XVI, a inglesa e alemã, do séc. XVII. O port. *analisar*, do séc. XVIII, esp. *analizar*, de 1760, formado sobre o fr. *analyser*, de 1698, o port. esp. *analítico*, de 1617, o fr. *analytique*, do séc. XVI, do lat. *analyticus*, gr. *analytikós*, e o fr. *analyste*, do séc. XVII, são derivados de *análise*.

1.1 Em sentido amplo, empregam-se os termos 'análise' e 'analisar', comumente, como sinônimos de exame e examinar, pesquisa e pesquisar, verificação e verificar etc. Na linguagem científica, todavia, o vocábulo assumiu conteúdos semânticos peculiares, particularmente em expressões, tais como: a) *análise combinatória*, *análise funcional*, *análise harmônica* e *análise numérica* — que constituem disciplinas específicas da matemática; b) *análise elementar*, *análise orgânica estrutural* e *análise conformacional* — da linguagem da química; c) *análise econômica*; d) *análise estatística*; e) *análise componencial* — conceito ora emergente na lingüística.

1.2 Com exceção da matemática, em que o termo análise define um de seus ramos específicos, nas demais ciências o vocábulo só ocorre em expressões. Além das referidas anteriormente, citam-se, entre outras: *análise léxica* e *análise lexicológica* (filologia e lingüística), *análise seqüencial* e *análise de variância* (estatística) etc.

I

1 **Conceito matemático.** A análise constitui, modernamente, um dos ramos mais importantes da matemática. Segundo alguns autores, até mesmo a teoria das funções, de tão grande importância para o desenvolvimento da matemática moderna, é também um capítulo da análise. Assim é que, tanto o estudo das funções de variáveis reais, como o das funções de variáveis complexas, são normalmente incluídos no âmbito da análise.

2 Entre as diferentes classes de funções também estudadas em análise, sobressaem as funções analíticas, as elementares e as transcendentais. Conquanto já constituam ramos independentes da matemática, é costume incluírem-se também, no campo de interesse da análise, as equações diferenciais e integrais, o cálculo de variações e a teoria das séries.

3 Verifica-se, assim, que o termo análise tem para o matemático uma ampla extensão conceitual, variando o seu emprego de acordo com a especificidade dos temas tratados. Particularmente importantes são as expressões já mencionadas — análise combinatória, análise funcional, análise harmônica e análise numérica — com que se caracterizam e melhor se conceituam disciplinas de considerável interesse. Também o desenvolvimento das séries de Fourier, por sua amplitude e complexidade, constitui hoje um ramo importan-

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313 / 00
FLS. 13

gre.la.do *adj* (*part* de *grelar*[1]) **1** Que tem grelo. **2** Que começou a grelar. **3** Que lançou espiga; espigado.

gre.la.dor *adj* (*grelar*[2]+*dor*[2]) *pop* Que olha insistentemente. *sm* Aquele que olha insistentemente.

gre.lar[1] (*grelo+ar*[2]) *vint* **1** Deitar grelo; germinar, brotar. **2** Espigar (especialmente hortaliças). **3** Crescer, aumentar.

gre.lar[2] *vtd pop* **1** Olhar fixa ou profundamente uma mulher. **2** Namorar. **3** Corresponder ao namoro de. **4** Reparar em. **5** Espiar.

gre.lha[1] (*é*) *sf* (*lat craticula*, pelo *fr ant greille*) **1** Pequena grade de ferro sobre a qual se assa carne ou peixe, se torra o pão etc. **2** Grade sobre que se acende o carvão nos fornos, fornalhas, fogareiros etc. **3** Antigo instrumento de suplício. **4** *V grade*, acepções 9 e 10.

gre.lha[2] (*é*) *sf* **1** Cavalo magro e ordinário. **2** Limpa-trilhos.

gre.lha.do *adj* (*part* de *grelhar*) Assado ou torrado na grelha.

gre.lha.gem *sf* (*grelhar+agem*) Ação ou efeito de grelhar.

gre.lhar (*grelha+ar*[2]) *vtd* Assar ou torrar na grelha.

gre.lhei.ro *sm* (*grelha+eiro*) Operário encarregado das grelhas numa oficina.

gre.lo (*ê*) *sm* **1** Gema que se desenvolve na semente, bolbo ou tubérculo e vem surgindo da terra; broto. **2** Haste de algumas plantas, em que deverão desabrochar as flores. **3** *ch* Clitóris.

gre.lu.da *adj* (*grelo+udo*[2]) *ch* Diz-se de mulher que tem grelo grande.

gre.mi.al *adj* (*grêmio+al*[3]) Que se refere a grêmio. *sm* Pano que se coloca sobre os joelhos do prelado oficiante, quando está sentado.

gre.mi.lha *sf* (*fr grémille*) *Ictiol* Peixe do Centro e Norte da Europa, semelhante à perca.

grê.mio *sm* (*lat gremiu*) **1** *ant* Seio, regaço. **2** Corporação de indivíduos ou sócios sujeitos a estatutos e regulamentos para um fim recreativo e ao mesmo tempo instrutivo. **3** Assembléia, sociedade. **4** Comunidade, corporação, reunião. **5** Corporação de industriais incumbida de dividir eqüitativamente, pelos membros da mesma profissão, o imposto industrial.

gre.mis.ta *adj* (*grêmio+ista*) Concernente a grêmio.

gre.ná *adj* (*fr grenat*) Da cor vermelha da romã. *sm* Essa cor.

gre.na.do *adj pop* Disposto, temível, valentão.

gre.ne.ti.na *sf* (*fr grenetine*, de *Grenet*, *np*) Gelatina purificada.

gre.nha *sf* (*germ grenn*) **1** Cabelo emaranhado. **2** Juba do leão. **3** Mata espessa; matagal, brenha. **4** Ramos de árvores emaranhados.

gre.nho *adj* (de *grenha*) *Reg* (São Paulo) Designativo do cabelo em desalinho; desgrenhado.

gre.nho.so *adj* (*grenha+oso*) Que tem grenha, que tem o cabelo em desalinho. *Var: grenhudo.*

gre.nhu.do *adj* (*grenha+udo*[2]) *V grenhoso.*

gre.po *sm* Antigo sacerdote da Birmânia.

gre.quis.mo *sm* (*Greco, np+ismo*) **1** *Pint* Processo que se observa nas obras do pintor Greco. **2** Admiração pelos quadros de Greco.

gre.quis.ta *s m+f* (*Greco, np+ista*) Pessoa que admira o gosto artístico de Greco.

grés *sm* (*fr grès*) **1** Argila arenosa plástica, usada em cerâmica, de que se faz louça, canos etc. **2** *V arenito.* **3** Arenito reduzido a pó, para polir metais.

gre.sí.fe.ro *adj* (*grés+fero*[1]) Em que há grés: *Terreno gresífero.*

gre.si.for.me *adj* (*grés+i+forme*) Que se assemelha ao grés.

gre.so.so *adj* (*grés+oso*) Relativo ao grés.

gre.ta (*ê*) *sf* (de *gretar*) **1** Abertura estreita; fenda, frincha. **2** *pop* Rachadura na pele. *sf pl Vet* Fendas na prega dos joelhos dos cavalos, o que lhes dificulta a articulação.

gre.ta.do *adj* (*part* de *gretar*) **1** Que tem gretas. **2** *Heráld* Diz-se das vieiras, do leão, ou de outros emblemas, quando estriados ou listrados.

gre.ta.du.ra *sf* (*gretar+dura*[1]) **1** Ato ou efeito de gretar. **2** Fenda na pele. *Var: gretamento.*

gre.ta.men.to *sm* (*gretar+mento*[2]) *V gretadura.*

gre.tar (*lat crepitare*) *vtd* **1** Abrir greta em. *vint* e *vpr* **2** Fender-se, rachar-se. *vint* e *vpr* **3** Desmanchar-se, descompor-se. *vint* e *vpr* **4** Estalar, fendendo-se.

gre.va.do *adj* (*greva+ado*[3]) Calçado de grevas.

gre.vas (*ê*) *sf pl* (*fr ant grève*) **1** Fitas ou bandas de feltro, lã ou outro tecido consistente, com que os militares e os excursionistas resguardam as pernas até o joelho. **2** Parte da armadura que cobria a perna do joelho para baixo.

gre.ve *sf* (*fr grève*) Aliança, acordo de operários, funcionários, estudantes etc., que recusam trabalhar ou comparecer onde devem, enquanto não lhes satisfazem as pretensões, ou não chegam a algum acordo; parede. *G. de fome:* o recusar-se alguém a alimentar-se, como protesto. *G. dos braços caídos:* paralisação do trabalho de funcionários do Estado, empregados etc., em atitude passiva, até que sejam satisfeitas suas pretensões. *G. dos braços cruzados: V greve dos braços caídos.*

gre.vi.cul.tor *adj + sm* (*greve+cultor*) *neol* Que, ou o que cultiva ou fomenta as greves.

gre.vi.cul.tu.ra *sf* (*greve+cultura*) *neol* Ação do grevicultor.

Gre.ví.lea *sf Bot* **1** Gênero (*Grevillea*) de arbustos e árvores originários da Austrália, da família das Proteáceas, com flores vistosas cor de laranja ou vermelhas, com estilete alongado, curvo, e folículos lenhosos. **2** Planta desse gênero, particularmente a espécie *Grevillea robusta*, que no Brasil é cultivada para sombrear cafeeiros e arborizar estradas.

gre.vis.ta *s m+f* (*greve+ista*) Que promove uma greve ou dela participa.

grid (*gríd*) (*ingl*) *sm Autom* Parte de uma pista de corridas na qual um conjunto de marcas no chão mostra a posição de largada de cada um dos competidores: *O piloto brasileiro ficou entre os seis primeiros do grid. G. de largada:* o mesmo que *grid.*

gri.de.fé *adj* Pardacento com pintas escuras.

gri.de.lém *adj* (*fr gris de lin*) De cor semelhante à da flor do linho. *Var: gredelém, gridelim.*

gri.de.lim *adj* (*fr gris de lin*) *V gridelém.*

gri.fa *sf* (*fr griffe*) Fêmea do grifo.

gri.fa.nho *adj* (de *grifa*) **1** Que se assemelha a grifa ou garra; adunco, recurvo. **2** Que tem grifes ou garras; rapace.

gri.far[1] (*grifo*[2]+*ar*[2]) *vtd* **1** Escrever em letra grifa ou bastarda. **2** Escrever com grifo; sublinhar. **3** Pronunciar com ênfase ou entoação especial.

gri.far[2] *vtd* Dar aspecto de garra a; engrifar.

gri.far.do *sm* (de *grifa*) *Ornit* Espécie de águia africana.

grif.fe (*grif*) *sf* (*fr*) Nome que um fabricante dá a seu produto e torna-se sua marca característica.

grí.fi.co *adj* (*grifo*[3]+*ico*[2]) Que se refere a grifo[3].

Gri.fi.nia *sf Bot* **1** Gênero (*Grifinia*) de plantas brasileiras da família das Amarilidáceas. **2** Planta desse gênero.

gri.fo[1] *sm* (*lat med gryphu, gr gryps*) **1** Animal fabuloso, com cabeça de águia e garras de leão. **2** *Ornit* Ave de rapina diurna (*Vultur fulvus*); abutre-fouveiro. **3** Caracol de cabelo. *adj* **1** Encaracolado. **2** Designativo das aves que têm eriçadas as penas do pé. **3** *gír de ladrões* Sujeito bom na cabeçada.

gri.fo[2] *adj* (*al Gryph, np*) Diz-se de uma forma de letra inclinada para a direita, também conhecida por *itálica, bastarda* e *aldina*. *sm* **1** Letra grifa; itálico. **2** Traço por baixo de letras ou palavras, que se pretende sejam impressas em tipo itálico.

gri.fo[3] *sm* (*gr grûphos*) **1** Questão confusa e atrapalhada; enigma. **2** Locução ambígua.

gri.gri *sm* (*fr gri-gri*) **1** Na costa ocidental da África, amuleto. **2** Pessoa que, por força desse amuleto, é considerada como dotada de poder sobre-humano.

gri.la.do *adj* (*grilo+ado*[3]) *gír* Que está com grilo (idéia fixa, obsessão).

gri.la.gem *sf* (*grilar+agem*) *Reg* (São Paulo) **1** Ato de grilar. **2** Organização dos grileiros.

gri.lar *vtd* Fazer títulos falsos de (terras).

gri.lei.ra *sf* (*grilo*[1]+*eira*) Parte de uma armadilha para apanhar pássaros, à qual se prende como isca um grilo.

gri.lei.ro *sm* (*grilo*[1]+*eiro*) **1** *Reg* (São Paulo) Indivíduo que, mediante falsas escrituras de propriedade, procura apossar-se de terras alheias. **2** Advogado ou agente que legaliza propriedades territoriais com títulos falsos.

gri.len.to *adj* (*grilo*[1]+*ento*) *Reg* (São Paulo) Diz-se das propriedades territoriais chamadas grilos.

gri.lha.gem *sf* (*grilhar+agem*) Cadeia de anéis de metal.

gri.lhão *sm* (*cast grillón, aum* de *grillo*) **1** Cadeia de ferro, terminada por duas argolas largas com que se prendiam pelas pernas os condenados. **2** Corrente de metal formada de anéis encadeados. **3** Cadeia grossa de ouro, para ornato ou para o relógio. **4** Cadeia, prisão. **5** Algema. *Var: grilho.*

gri.lha.ri.a *sf* (por *grilaria*, de *grilo*) Barulho ou som estridente, como o cantar de muitos grilos.

gri.lhe.ta (*ê*) *sf* (*grilho+eta*) Grande anel de ferro, na extremidade de uma corrente do mesmo metal, a que se prendiam os condenados a galés ou trabalhos forçados. *sm* O condenado a trabalhos forçados.

gri.lho *sm ant V grilhão.*

gri.lí.deo *adj* (*grilo+ídeo*) Relativo aos Grilídeos. *sm* Espécime dos Grilídeos.

Gri.lí.deos *sm pl Entom* Família (*Gryllidae*) de insetos da ordem dos Ortópteros, que compreende os grilos.

Gri.lo[1] *sm* (*lat grillu*) **1** *Entom* Gênero (*Gryllus*) típico da família dos Grilídeos. **2** Nome comum a vários insetos saltadores, da família dos Grilídeos; de cor geral parda, com longas antenas filiformes. São de hábitos noturnos, muito conhecidos pelo cricri, som esse produzido pelo atrito das tégminas. Voz: *chirrila, cricrila, estridula, estrila, guizalho, trila, tritila, trítula.* **3** Nome que os escravos davam ao que os vigiava. **4** Espécie de jogo popular. **5** Propriedade territorial legalizada com título falso. **6** Negócio desonesto de que se tiram proveitos. **7** Idéia vã, capricho, teima. **8** *gír* Idéia fixa, obsessão. *G. doméstico:* cadahim de vários grilos que vivem dentro ou ao redor de habitações, particularmente uma espécie americana largamente distribuída (*Acheta domestica*). *G. noturno, gír:* guarda-noturno. *G.-toupeira:* nome comum aos insetos do gênero Grilotalpa (*Gryllotalpa tetractylo*), que são relacionados aos grilos verdadeiros, mas têm pernas dianteiras grandes, fossadoras, aptas para cavar pequenas galerias subterrâneas à maneira das toupeiras, e se alimentam de raízes de plantas; também chamados *bichó-da-terra, paquinha, cachorrinho-d'água, grilo-toupeirinha. Cangar grilos:* não ter que fazer; estar desocupado.

gri.lo[2] *sm Reg* (São Paulo) **1** Inspetor de tráfego. **2** Guarda ou vigilante. **3** Apito policial. **4** *fam* Órgão sexual masculino, principalmente nas crianças. **5** Ruído das peças de carroçaria de automóveis mal ajustadas. **6** *gír* Problema, enrosco, imprevisto.

gri.lo[3] *sm* **1** *gír* Corrente que segura o relógio. **2** O mesmo que *relógio*. **3** Bolsinho da calça, onde se traz o relógio.

gri.lo.bla.tó.deo *adj* (*grilo+blata+ódeo*) Relativo aos Griloblatódeos. *sm* Espécime dos Griloblatódeos. *Sin: griloblatóideo, notóptero.*

Gri.lo.bla.tó.deos *sm pl Zool* Animais artrópodes da classe dos Insetos, ortópteros, de corpo pequeno (10 a 30 mm), ápteros, com antenas longas e filiformes, abdome com cercos e ovopositores. *Sin: Griloblatóideos.*

gri.lo.bla.tói.deo *adj + sm* (*grilo+blata+óideo*) Griloblatódeo.

Gri.lo.bla.tói.deos *sm pl* Griloblatódeos.

gri.ló.deo *adj + sm* (*grilo+ódeo*) Grilóideo.

Gri.ló.deos *sm pl* Grilóideos.

gri.lói.deo *adj* (*grilo+óideo*) Relativo aos Grilóideos. *sm* Espécime dos Grilóideos. *Sin: grilódeo.*

Gri.lói.deos *sm pl Entom* Insetos ortópteros, subordem dos Tetigonióideos, de antenas muito mais longas que o corpo, tarso com três artículos, fêmures posteriores muito fortes e apropriados para o salto. *Sin: Grilódeos.*

Gri.lo.tal.pa *sm* (*grilo+lat talpa*) *Entom* Gênero (*Gryllotalpa*) de grandes insetos cavadores, típico da família dos Grilotalpídeos, que compreende os grilos-touperas.

gri.lo.tal.pí.deo *adj Entom* Relativo ou pertencente aos Grilotalpídeos. *sm pl* Família (*Gryllotalpidae*) de insetos da ordem dos Ortópteros, que tem por tipo o gênero Grilotalpa.

gri.lo.tal.pói.deo *adj* (*Grilotalpa+óideo*) Relativo aos Grilotalpóideos. *sm* Espécime dos Grilotalpóideos.

Gri.lo.tal.pói.deos *sm pl Zool* Insetos ortópteros, subordem dos Tetigonióideos, de antenas filiformes mais curtas que o corpo, pernas anteriores do tipo fossorial, desprovidos de ovopositor. São as paquinhas e os cachorrinhos-d'água.

gri.ma *sf Reg* (Bahia) Bastão curto de madeira para dançar o maculelê.

7
C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313,00
Fls. 6

6.122 Nenúfares (*Nymphaea* de várias espécies), da família das ninfeáceas — plantas perenes aquáticas, de grande efeito pelas folhas e flores de várias cores, em geral de dezembro a maio. Reproduz-se facilmente por rizomas.

6.123 Nitela (*Nitella* de várias espécies), alga verde com ramificação em candelabro (carófitas) — planta perene, que pega de estaca, muito indicada para lagos e aquários.

6.124 Orquidea (*Laelia, Cattleya* e muitos outros gêneros com inúmeras espécies e variedades), da família das orquidáceas — planta herbácea perene, que se propaga por estacas. São epífitas estimadas pela beleza de suas flores.

6.125 Palma-de-santa-rita *(Gladiolus communis)*, também chamada gladiolo, da família das iridáceas — planta herbácea perene, que se reproduz por bulbos. Produz belas espigas de flores de várias cores. É indicada para canteiros.

6.126 Palmeirinha-de-petrópolis *(Syagrus weddeliana)*, também conhecida por icá, da família das palmáceas — perene, propaga-se por mudas. Presta-se para grandes vasos.

6.127 Papoula-de-seda *(Papaver rhoeas)*, da família das papaveráceas — planta herbácea anual, que se propaga por semeadura direta. Produz flores de várias cores, com pétalas muito delicadas, de lindo efeito. É indicada para jardineiras.

6.128 Pêlo-de-urso *(Ophiopogon japonicum)*, da família das liliáceas — erva perene, que se propaga por mudas. Tem o aspecto de grama, prestando-se para relvados ou cercadura de canteiros.

6.129 Petúnia (*Petunia hybrida*, com muitas variedades), da família das solanáceas — planta herbácea anual, que se reproduz por semeadura direta. Produz uma profusão de flores com os mais ricos coloridos. É indicada para grandes canteiros e jardineiras.

6.130 Pingo-de-ouro *(Oncidium flexuosum)*, da família das orquidáceas — epífita perene, que se propaga por estacas. Apresenta uma profusão de delicadas flores amarelas nos meses de dezembro e janeiro.

6.131 Pingo-de-sangue *(Ruellia juncea)*, da família das acantáceas — planta perene, que se obtém por mudas. Tem o aspecto de capim e flores escarlates; é indicada para muros pedregosos, em que as touceiras ficam pendentes.

6.132 Pinheirinho-d'água *(Myriophyllum brasiliense)*, também conhecido por cavalinho-d'água, da família das halorragáceas — delicada planta aquática perene, que se reproduz por mudas. É indicada para ornamentar tanques e lagos.

6.133 Piperômias (*Piperomia* de várias espécies), da família das piperáceas — ervas perenes, que se propagam por mudas. Prestam-se para vasos.

6.134 Quaresmeira (*Tibouchina* de várias espécies), da família das melastomatáceas — arbusto ou árvore perene, que se propaga por estacas. Possui variedades de flores roxas, outras róseas e, ainda outras, ao mesmo tempo roxas, róseas e brancas, que dão de dezembro a março.

6.135 Rabo-de-raposa *(Acalypha hispida)*, também conhecida como rabo-de-macaco, da família das euforbiáceas — planta perene, que se reproduz por estacas. Produz longas espigas aveludadas, de estimado efeito decorativo. É indicada para grandes vasos, ou para grupos em gramados.

6.136 Rainha-margarida *(Callistephus sinensis)*, da família das compostas — planta herbácea anual, que se obtém por semeadura em sementeira, seguida de repicagem. De agosto a novembro produz lindas flores de cores variadas. É indicada para canteiros.

6.137 Rápis *(Rapis flabelliformis)*, da família das palmáceas — perene, propaga-se por mudas. Tem pequeno porte e folhas em leque, serve para grandes vasos.

6.138 Resedá *(Reseda odorata)*, da família das resedáceas — planta herbácea perene, mas que melhor produz no primeiro ano, devendo por isso ser obtida por semeadura direta anualmente. Produz flores de cores variadas, de fevereiro a março, e é indicada para canteiros.

6.139 Rosa (*Rosa* de várias espécies, com uma infinidade de variedades provenientes de hibridação), da família das rosáceas — planta herbácea perene, que se obtém de estacas de enxertos selecionados. Com flores de beleza incomparável, apresentando variedades trepadoras, é indicada para todas as situações nos jardins.

6.140 Sabiá (*Mimosa* de várias espécies), da família das leguminosas — arbusto perene, que se reproduz por estacas. Muito espinhento e carregado de flores alvas em pompom, é especialmente indicado para cercas rústicas, em que se deseja barrar a passagem.

6.141 Sagitária (*Sagittaria* de várias espécies), da família das alismatáceas — planta perene, que se obtém por mudas, própria para lagos e aquários.

6.142 Sálvia (*Salvia splendens* e outras espécies), também conhecida por alegria-dos-jardins, da família das labiadas — planta herbácea perene, que se obtém por semeadura direta. Suas flores, escarlates ou azuladas, são um encanto o ano inteiro, em qualquer situação, nos jardins.

6.143 Salvínia *(Salvinia natans)*, do grupo das pteridófitas — planta perene, que se reproduz por mudas, e mais dificilmente por espórios. É indicada para tanques e lagos.

6.144 Samambaiaçus (*Alsophila* e outros gêneros), do grupo das pteridófitas — plantas do aspecto de palmeirinhas, perenes, que se propagam por mudas e, mais dificilmente, por espórios. São indicadas para destaques em lugares sombreados.

6.145 Samambaias (*Nephrolepis exaltata* e muitos outros gêneros e espécies), do grupo das pteridófitas — folhagem perene, que se propaga por rizomas. Prestam-se sobretudo para vasos, jardineiras e muros.

6.146 Saudade *(Scabiosa atropurpurea)*, da família das dipsacáceas — planta herbácea anual, que se propaga por semeadura direta. Produz de agosto a maio lindas flores de cores variadas. É indicada para canteiros.

6.147 Sempre-viva *(Helicrysum bracteatum)*, da família das compostas — planta herbácea anual, que se propaga por semeadura em sementeira, seguida de repicagem. Produz, de julho a fevereiro, flores de vários coloridos. É indicada principalmente para jardineiras.

6.148 Singônio *(Syngonium auritum)*, da família das aráceas — trepadeira perene, que se reproduz por estacas. De farta folhagem, é indicada para subir em troncos desnudos.

6.149 Sininho *(Abutilon megapotamicum)*, da família das malváceas — arbusto trepador perene, com flores que lembram uma decoração de lanternas japonesas. É muito indicada para varandas e pérgulas.

6.150 Estrelícia (*Strelitzia* de várias espécies), da família das musáceas — planta herbácea perene, que se reproduz por mudas. Produz flores que combinam o alaranjado com o azul, de efeito muito bonito. É indicada para destaques em gramados.

6.151 Tinhorões (*Caladium* de várias espécies), da família das aráceas — plantas perenes, que se propagam por tubérculos. Constituem a folhagem de maior quantidade de folhas variegadas que existe. São próprias para vasos.

6.152 Valisnéria *(Vallisneria spiralis)*, da família das hidrocaritáceas — planta perene, que se propaga por mudas e é própria para lagos e aquários.

6.153 Vela-da-pureza *(Yucca filamentosa)*, da família das agaváceas — planta herbácea perene, que se propaga por rizomas. De porte elegante, produz enormes cachos eretos de lindas flores alvas. É indicada para alamedas ou como destaques.

6.154 Vinca (*Locnera alba* e variedades), da família das apocináceas — planta herbácea perene, que se obtém por mudas. Produz flores lilases e brancas, próprias para cercaduras de canteiros.

6.155 Violeta *(Viola odoratissima)*, da família das violáceas — planta herbácea perene, que se obtém por mudas. Produz flores roxas de vários matizes. É indicada principalmente para vasos e jardineiras.

6.156 Violeta branca *(Solanum violetaefolium)*, da família das solanáceas — ervinha perene, que se propaga por mudas. Rasteira, com folhas semelhantes às da violeta e flores amarelas escondidas; é muito usada para relvados sombreados.

6.157 Viuvinha *(Solanum seaforthianum)*, também conhecida por isabel-entre-sonhos, da família das solanáceas — trepadeira perene, que se obtém por mudas ou semeadura direta. Produz folhagem delicada, flores roxas, com núcleo amarelo e lindos cachinhos de frutos verdes e vermelhos. É própria para treliças, varandas e pérgulas.

6.158 Zínia *(Zinnia elegans)*, da família das compostas — planta herbácea anual, que se obtém por semeadura em sementeira, seguida de repicagem. De setembro a fevereiro produz uma profusão de flores com as mais vivas cores. É indicada principalmente para grandes canteiros.

7 **Bibliografia.** Decker, João Siegfried. *Floricultura* [São Paulo, 1946]./ Figueiredo, Eduardo Rodrigues de. *Floricultura brasileira*. São Paulo, 1946-1951. 15 v. em 1./ Pena, Leonam de Azeredo. *Jardins e hortas*. Rio de Janeiro, 1960./ Santos, Manuel Coutinho dos. *Manual de jardinagem*. Rio de Janeiro [1968]./LAUR/FROT.

PROT. GERAL Nº 313,00
Fls. 14

FLUORITA

1 **Etimologia.** O lat. *fluor, -ōris*, 'corrimento, fluxo, curso, corrente, onda', do verbo lat. *fluĕre*, 'correr, fluir', é o port. esp. (eruditismo, sobre o nominativo) *flúor*, respectivamente de 1871 e 1844, it. *fluoro*, do séc. XVIII, fr. *fluor*, do séc. XVII, al. *Fluor* do séc. XVII-XVIII, na química antiga 'ácidos que permanecem sempre fluidos'. Posteriormente, a palavra refere-se aos minerais incombustíveis e fusíveis como o espato de flúor e outros, passando depois a designar o corpo simples e elemento químico de símbolo F, número atômico 9, peso atômico 19. O ing. *fluor*, do séc. XVII (do lat. *fluor*) fixou-se como tecnônimo mineralógico no séc. XVIII.

1.1 Do port. esp. *flúor*, it. *fluoro*, ing. *fluor*, al. *Fluor*, há o derivado respectivo port. esp. *fluorita* (variante port. *fluorite*), it. ing. *fluorite*, al. *Fluorit*, todos da segunda metade do séc. XIX, com o sufixo *-ita, -ite, -it*, indicativo de nome de mineral. Em francês registra-se *fluorine* (do fr. *fluor*), de 1865, tecnônimo mineralógico, que corresponde ao port. esp. it. *fluorina*, da segunda metade do séc. XIX, sinônimo, respectivamente, do port. esp. *fluorita*, it. *fluorite*.

2 **Conceituação.** A fluorita é um mineral da classe dos halóides. Ela e os minerais *itrofluorita*, CaF_2, com quantidades variáveis de YF_3, e *itrocerita*, CaF_2, com conteúdos variáveis de $(Y,Ce)F_3$, formam o grupo da fluorita. É conhecida pelo nome de *espato de flúor*.

3 **Características.** Cristaliza no sistema monométrico e o seu hábito mais comum é o cúbico. Cristais octaédricos e rombododecaédricos são menos comuns. A fluorita pode apresentar-se em massas granulares, variando a dimensão dos grânulos de grossa a fina.

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
fls. 15

2.5 No novo regime notabilizou-se Kichka Gartnij como autor de poesias proletárias. O historiador Maksim Harecki (1893-1939) terminou em 1933 o valioso romance histórico *Vilenskija komunary (Os Comunistas de Vilnus)*, sobre a Revolução de 1917; o manuscrito perdeu-se e só foi redescoberto em 1962 e publicado em 1965; passa por ser a obra capital da literatura bielorrussa.

2.6 **Bibliografia.** Klinković, M. *Literatura belorusii.* Moskva, 1934./ Messina, Giuseppe L. *La letteratura belorussa.* Firenze [1952]./CARP/HOUA.

BIELY, Andrei

1 **Vida.** Poeta e romancista russo, Boris Nikolaievitch Bugaev escreveu sob o pseudônimo de Andrei Biely ou Bely e foi um dos iniciadores do simbolismo em seu país. Nasceu em 6 de outubro de 1880, em Moscou, e morreu em 7 de janeiro de 1934, em Tbilisi, na Geórgia, U.R.S.S. Filho de um professor de matemática, estudou ciências naturais, filosofia e filologia na universidade de Moscou. Em seus romances fixou, em estilo febril e de maneira meio fantástica, os dias que precederam a Revolução Russa. As tendências místicas o levaram, em 1912, à antroposofia, doutrina criada pelo austríaco Rudolf Steiner, que visava ao desenvolvimento de faculdades ocultas do espírito humano. Com Steiner, participou da construção do primeiro templo antroposófico, em Dornach, perto de Basiléia, na Suíça.

2 **Produção.** Dividido desde a juventude entre duas tendências opostas, Biely era, por um lado, um espírito místico, apaixonado pela música, pelas ciências ocultas e pelas religiões orientais, influenciado por Dostoievski e Nietzsche, e pelo bizantinismo de Vladimir Soloviev, seu primeiro mestre. Por outro lado, apaixona-se pelas construções lógicas de Stuart Mill, Kant e Spencer. Obedecendo a esta última tendência, estuda ciências naturais, dedicando-se às teorias de Darwin e Lamarck, mas ao mesmo tempo freqüenta os místicos e os simbolistas.

3 O primeiro volume da tetralogia, *Serebryany golub* (1909; *A Pomba de prata*), foi o que melhor correspondeu a seu propósito. É um romance simbólico, embora escrito em linguagem realista, e uma análise da alma e da vida do povo russo, consideradas através do misticismo. O herói, um intelectual moderno, personifica a *intelligentsia*, e sua amante, uma camponesa, a essência elementar do povo. Com essa união, o autor quis simbolizar o nascimento de uma "nova Rússia". A obra constitui uma previsão da Revolução Russa. É seguida por *Peterburg* (1913; *São Petersburgo*), cuja ação se passa durante a revolução de 1905, no clima de terrorismo e da opressão tzarista, e por *Kotik Letaev* (1922), que, apesar de analogias com Joyce e Proust, é o mais fraco. *Moscou*, o quarto volume, foi publicado, inacabado, em 1925.

4 **Obra.** Pelo clima de suas obras, Biely pertence à linha de Dostoievski, e, pelo lado fantástico, filia-se a Gogol, a quem dedicou vários ensaios. Influenciou fortemente os escritores russos pós-revolucionários com suas experiências ousadas na técnica da narrativa, iniciadas em *Sinfonii (Sinfonias)*, quatro poemas em prosa escritos entre 1902 e 1908, em que segue as regras da composição musical. Na revista simbolista *Vesy (Marcos)* — cujo conselho de redação integrou — publicou vários poemas, reunidos em 1909 nos livros *Pepel (Cinzas)* e *Urna (A Urna)*. Outros poemas importantes estão em *Voskressenie* (1918; *Ressurreição*), em que glorifica a revolução de 1917. Sua obra em prosa é, porém, mais importante, especialmente *Peterburg*, de 1913, considerado uma das obras-primas russas do séc. XX.

5 Nos últimos anos, Biely dedicou-se principalmente a escrever suas memórias — em três volumes —, e à crítica literária. É dessa época o ensaio *Vospominania o Bloke* (1923; *Recordações de Blok*), sobre os últimos dias e o enterro do grande poeta Aleksandr Blok. Escreveu o ensaio *Ritm kak dialektika* (1929; *O Ritmo na dialética*) e um livro sobre Pushkin, em 1929, outro sobre Gogol — *Mastersivo Gogolja* (1934; *A Mestra de Gogol*). A correspondência entre Biely e Blok foi editada no volume VII dos anais do Museu Literário do Estado, de Moscou, em 1940.

6 **Bibliografia.** Lo Gatto, Ettore. *La poesia russa della rivoluzione.* Roma, 1923./ Pozner, Vladimir. *Panorama de la littérature russe contemporaine.* Paris, 1929./ Maslenikov, O.A. *The frenzied poets; Andrey Biely and the Russian symbolists.* New York, 1952./ Poggioli, Renato. *The poets of Russia, 1890-1930.* Cambridge, 1960./ESTR/CARP.

BIGNONIÁCEA

1 **Etimologia.** Foi o botânico francês Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708) que forjou em 1700 o lat. científico *Bignonia*, em homenagem ao padre J. P. Bignon (1589-1656), livreiro-mor do rei Luís XIV. A repercussão dessa forma nos vernáculos modernos de cultura deu-se pelo séc. XIX (fr. *bignonia*, ing. *bignonia*, port. *bignônia*, esp. *bignonia*). Tomado como designativo de gênero, *Bignonia* foi a base do de ordem, *Bignoniaceae*, dos fins do séc. XIX, donde o port. *bignoniácea, bignoniáceas*, dos inícios do séc. XX.

2 **Conceituação.** Família das dicotiledôneas, que compreende arbustos, muitas trepadeiras com gavinhas e árvores de folhas isoladas ou opostas. Suas flores são isoladas ou em cachos, de perianto duplo, pentâmero, simetria radiada ou bilateral e pétalas soldadas. Têm quatro estames, sendo dois menores, ou apenas dois; freqüentemente apresentam um falso estame e, mais raramente, cinco estames. O ovário é súpero, formado de dois carpelos e duas lojas, raramente uma, da qual resulta uma cápsula com sementes aladas ou com pêlos.

3 **Principais espécies.** Distribuem-se as bignoniáceas por 120 gêneros com cerca de 800 espécies, dentre as quais, no Brasil, merecem especial referência as seguintes:

3.1 *Ipê comum (Tecoma longiflora)*, também chamado *ipê-peroba*, árvore comum nas

Catalpa bignonioidea — Lecourt - Jacana

Sejagã ou sejagão (Spathodea campanulata) — Delaitre Jacana

matas cariocas, muito ornamental, de flores amarelas com estrias avermelhadas na face interna da corola, considerada símbolo nacional. A casca é adstringente e tem propriedades medicinais. Sua madeira, de cor castanho-oliva ou castanho-avermelhado com listras escuras, é de consistência córnea. Toma belo polimento, sendo empregada para confecção de bengalas, carroçaria, tanoaria, vigamentos, por ser muito durável.

3.2 *Ipê-do-brejo (Tecoma umbellata)*, árvore freqüente nos alagados e margens dos rios dos Estados de Minas Gerais e de São Paulo, de flores amarelas. A casca adstringente, é útil no tratamento das doenças da garganta e nas estomatites. Presta-se para arborização urbana, de parques e jardins.

3.3 *Ipê-roxo (Tecoma heptaphylla)*, também chamado *ipê-rosa*, árvore que ocorre em todos os Estados do centro e do sul do Brasil. Tem flores roxas, altamente decorativas. Seu cerne resistente fornece madeira empregada em marcenaria e carpintaria fina.

3.4 *Ipê-mandioca (Tecoma alba)*, também chamado *ipê-branco* (Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná) e *ipê-vacarino* ou *ipê-mamono* (Rio Grande do Sul), árvore de pequeno porte com flores amarelas e folhas com as faces inferiores amarelo-claras, o que lhe dá um aspecto geral de cor esbranquiçada. Seu cerne, de cor parda, é muito resistente e é utilizado para postes e esteios.

3.5 *Cuité (Crescentia cujete)*, também chamada *cabaça*, pequena árvore encontrada da Amazônia até o Rio de Janeiro, em formações próximas a centros populosos, cujos enormes frutos servem para fazer cuias.

3.6 *Cinco-folhas (Cybistax antisyphilitica)*, também chamada *caroba-da-folha-verde*, árvore espalhada por todo o Brasil, cuja casca e renovos são muito conceituados na medicina caseira como depurativo e diurético.

3.7 *Cipó-cruz (Arrabidaea chica)*, também chamada *carajuru*, trepadeira encontrada em todas as regiões do Brasil e que fornecia aos índios matéria corante vermelha, usada para tingir o corpo, os tecidos e objetos caseiros. Curioso é que os bichos-da-seda alimentados com as suas folhas produzem seda vermelha.

3.8 *Catuaba (Amenopaegma mirandum)*, também conhecida por *caramuru* e *piratancará*, trepadeira espalhada pelo Brasil, com muitas variedades. A casca de seu rizoma é útil como tônico amargo, estimulante do sistema nervoso nas paralisias parciais, psicastenia e ataxia locomotora, mas é mais empregado mesmo como afrodisíaco. O seu uso na fraqueza sexual já era comum entre os indígenas do Brasil, e hoje é rara a tendinha do interior ou das cidades principais em que não se encontre gente tomando o aperitivo de cachaça com catuaba.

3.9 *Unha-de-gato (Doxantha unguis-cati)*, também chamada *cipó-morcego*, arbusto trepador brasileiro, ornamental, mas pouco encontrado em jar-

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313 / 00
Fls. 16

LEBESGUE

1 **Vida.** Matemático francês, Henri Léon Lebesgue nasceu em Beauvais a 28 de junho de 1875 e faleceu em Paris a 26 de julho de 1941. Mostrou, desde a infância, grande pendor para o cálculo. Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal e, depois, no liceu de Paris e na École Normale Supérieure (onde ingressou em 1894). Recebendo seu título de *agrégé* em 1897, Lebesgue é nomeado professor do liceu de Nancy.

1.1 Graças aos seus trabalhos, de grande originalidade, ocupa, sucessivamente, cargos na Faculté des Sciences, de Rennes (1902-1906), na Universidade de Poitiers (1906-1910) e na Sorbonne (1910-1919), onde se torna mestre de conferências. Em 1920 e 1921, exerce as funções de professor titular da Sorbonne, cargo que abandona para ocupar uma das cátedras do Collège de France.

1.2 Em 1922 é eleito para a Academia de Ciências, na seção de geometria, sucedendo a Camille Jordan. Recebe, então, muitas honrarias, tornando-se membro da Royal Society, de Londres, da Academia dei Lincei, de Roma, e das academias da Dinamarca, da Bélgica, da Romênia e da Polônia. Várias universidades lhe conferem o título de doutor *honoris causa*.

1.3 Nos 15 anos que se seguem, Lebesgue entrega-se sobretudo à análise de questões elementares. Em 1937 publica o livro *Sur la mesure des grandeurs (Da medida das grandezas)*, que poderia ser consultado com proveito por todos os professores de matemática. Sempre apaixonado pelas questões pedagógicas, ensina durante largo período na École Normale Supérieure de Sèvres e colabora ativamente na revista suíça *L'Enseignement Mathématique*.

2 **Projeção.** Lebesgue é um dos grandes renovadores da análise. Sua teoria da integral supera a de Riemann e ganha, pela sua generalidade e manejo mais fácil, os favores dos analistas da atualidade. Para erigir sua teoria, introduz a noção de *medida de um conjunto de pontos*, para a qual apresenta uma definição descritiva, isto é, por meio de axiomas compatíveis (substituindo definição construtiva de Emile Borel, de 1894, menos fácil de manipular).

2.1 Em sua tese de doutoramento, *Intégrale, longueur, aire (Integral, comprimento, área)*, preparada por volta de 1898-1899, Lebesgue apresenta a teoria da integração de funções de variável real e mostra de que modo se pode formular adequada definição de 'área de uma superfície curva'. Suas idéias parecem, aos pontífices da época, um tanto audaciosas. Lebesgue é obrigado a superar algumas dificuldades até ver acolhido o seu trabalho (1902). Pouco depois, entretanto, a tese é reconhecida como verdadeira obra-prima e alcança repercussão em todos os meios científicos.

2.2 Em 1905, publica uma famosa memória em que estuda 'funções analiticamente representáveis' — fonte de inspiração para inúmeros trabalhos das escolas russa e polonesa, que se devotam ao exame dos conjuntos chamados 'analíticos'. Nesse trabalho, prossegue as investigações iniciadas por René Baire acerca da representação das funções descontínuas por meio de outras funções mais simples. Baire classifica as funções colocando numa 'classe zero' as funções contínuas; numa 'classe um' os limites descontínuos das funções contínuas; e assim por diante. Lebesgue apresenta demonstrações novas do teorema de Baire e prova a existência de funções de cada classe.

2.3 A memória de 1905 está situada na fronteira entre a matemática e a filosofia. Lebesgue coloca-se entre os idealistas (a existência fica estabelecida pela ausência de contradições) e os empiristas (a existência só é admissível quando o ente pode ser construído por meio de número finito de operações bem definidas). Sua idéia de 'nomeável' é curiosa: "Um objeto", afirma, "fica definido, ou dado, quando se pronuncia um número finito de palavras que se aplica ao objeto e apenas a ele, isto é, quando se *nomeia* uma propriedade característica do objeto".

2.4 Lebesgue 'nomeia', em sua memória, uma função que recusa qualquer modo de representação analítica, inspirando, assim, os trabalhos de Luzin e de Sierpinski — que iriam introduzir classes muito gerais de conjuntos analíticos e de conjuntos projetivos.

3 **A integral de Lebesgue.** Considere-se uma função f(x) representada pela curva AB. Sejam Aa e Bb as paralelas ao eixo dos *y*, traçadas por A e B (cortando o eixo dos *x* nos pontos *a* e *b*). O problema da integração consiste em determinar a área curvilínea ABba. O quociente da área ABba por ab dá a 'ordenada média' da curva. Se a função é elementar (polinômio, seno etc.), a integração é a operação inversa da derivação e se resolve sem grandes dificuldades. No caso em que a função f(x) é contínua e limitada, Cauchy demonstrou que a área pode ser obtida por decomposição 'em fatias' (paralelas ao eixo dos y), chegando-se a um número finito.

3.1 Imagine-se que se deseja obter a temperatura média da atmosfera durante um mês. Representa-se graficamente a temperatura usando o eixo dos *x* para o tempo e o dos *y* para a temperatura. Essa função do tempo é, via de regra, contínua. Sem embargo, é possível considerar funções cujas curvas admitam um número finito de descontinuidades. Riemann divide o eixo dos *x* em dias e multiplica a fração 1/30 (mês de 30 dias) por um dos valores que a temperatura assumiu e faz, em seguida, a soma dos resultados obtidos em cada um dos dias do mês. O mesmo procedimento, aplicado a uma divisão do mês em horas, conduz a novo resultado. Continuando a dividir indefinidamente o eixo dos *x* em intervalos de comprimento decrescente, pode-se verificar se os resultados tendem para um limite finito. No caso afirmativo, diz-se que a função é integrável segundo Riemann.

3.2 O método de Lebesgue parte de outra base: em vez de subdividir-se o eixo dos *x* (tempo), divide-se o eixo dos *y* (temperatura) no trecho que vai da ordenada mínima à ordenada máxima. Imagine-se uma divisão em graus. Os valores do tempo para os quais a função permanece entre 5 e 6 graus formam um conjunto de pontos que admite certa medida *m*. Efetua-se o produto de uma ordenada qualquer (entre 5 e 6 graus) pelo número m/T (em que T é o tempo total considerado — no exemplo, 30 dias). Somam-se em seguida todos esses produtos, relativos a cada um dos intervalos da subdivisão em graus, para obter um dado número M_1. Repete-se o procedimento, tomando intervalos sucessivamente menores, para chegar aos números M_2, M_3 etc. No caso de existir um limite finito para a sucessão, a função se diz *somável* (a Lebesgue), ou L-integrável.

3.3 As idéias de Lebesgue constituem progresso de relevo, pois a medida dos conjuntos permite demonstrações mais simples e gerais das propriedades da integral e a classe de funções L-integráveis é consideravelmente mais ampla do que a classe das funções integráveis a Riemann. Recordando que as funções que surgem de considerações 'práticas' são gradualmente mais complicadas, a integral de Lebesgue tem interesse, pois abrange tais funções, que ficariam 'marginalizadas' pela teoria de Riemann.

4 **Bibliografia.** Williamson, John Hunter. *Lebesgue integration*. New York [1962]./ Hawkins, Thomas. *Lebesgue's theory of integration: its origins and development*. Madison, 1970./HEGE/CUNH.

LECITIDÁCEA

1 **Etimologia.** O tecnônimo botânico port. esp. *lecitidácea*, do séc. XX, it. *lecythidacee* (plural), fr. *lécythidacée*, ing. *lecythidaceae* (plural), os três do séc. XIX, é o lat. cient. *Lecythidaceae*, de 1825, família criada pelo botânico francês Alexandre Poiteau (1766-1850), do lat. cient. *Lecythis* (na forma *Lecythid-*), gênero estabelecido pelo botânico sueco P. Loefling (1729-1756), discípulo de Lineu, e sufixo *-aceae*, característico de nome de família, no vocabulário botânico.

1.1 O lat. cient. *Lecythis* é o lat. *lecĭthus*, gr. *lēkythos*, 'vaso para azeite, frasco cosmético', em alusão à forma dos frutos, como os da sapucaia.

2 **Conceituação.** Família de dicotiledôneas, que compreende grandes árvores de folhas isoladas com estípulas rudimentares, simples e inteiras, às vezes muito grandes. As flores são isoladas ou em panículas, de perianto duplo com simetria radiada ou lateral. O cálice tem de quatro a seis sépalas (raramente duas ou três) e corola de quatro a oito pétalas livres, raramente ausentes.

2.1 São bissexuadas, com muitos estames e falsos estames, livres ou soldados na base em peça comum. Ovário ínfero, de dois a seis carpelos, raramente ausentes, com outras tantas lojas e inúmeros óvulos. O fruto é um pixídio, que pode não se abrir. As sementes às vezes têm asas.

3 **Principais espécies.** A família das lecitidáceas encerra 24 gêneros, com cerca de 450 espécies, dentre as quais se destacam as que a seguir se indicam.

3.1 *Jequitibás*. Por esse nome são conhecidas diversas árvores, merecidamente cognominadas gigantes-da-floresta, fornecedoras de excelente madeira, dentre as quais se destacam: o jequitibá-de-manta *(Couratari pyramidata)*, nativo no Estado do Rio de Janeiro; o rosa *(Cariniana legalis)*, nativo do Espírito Santo até São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso; o de-mato-grosso *(Couratari domestica)*, encontrado em Goiás e Mato Grosso; o do-amazonas *(Cariniana integrifolia)*, da Amazônia; e o vermelho *(Cariniana estrellensis)*, nativo no Paraguai, na Bolívia e no Brasil (nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo).

3.2 *Sapucaias* (*Lecythis* de várias espécies), também chamadas cumbucas-de-macaco, grandes árvores nativas nas Guianas e no Brasil. Seus frutos, com cerca de 10cm de diâmetro, encerram sementes ricas em óleo alimentício e industrial.

3.3 *Abricó-de-macaco (Couroupita guayanensis)*, também conhecido por castanha-de-macaco, grande árvore de ramos curtos originária das Guianas e da Amazônia.

3.4 *Castanheira-do-pará (Bertholetia excelsa)*, também chamada castanheira-do-maranhão, toucá (pelos portugueses colonizadores), erai (pelos curuaés), iniá, nhá e niá (pelos chipaias), tocar (pelos parecis) e tucá. turiri, iá, iuvia e juvia (pelos habitantes do vale do rio Orenoco), árvore frondosa da Amazônia, que geralmente mede 30m, mas

Aspecto de uma castanheira-do-pará com fruto

Walter Firmo

pode atingir 50m de altura, encontrada em grandes grupos e até formando matas (os castanhais).

3.4.1 Os castanhais vão, nos Estados do Maranhão e Mato Grosso, do vale do rio Papagaio, vizinho ou afluente do Juruena, até 10° de latitude sul, através dos Estados do Pará (região de Alenquer, Almeirim e Óbidos, fronteira com o Surinam, vale do rio São João e cordilheira Tumucumaque) e Amazonas (extensíssimos vales dos rios Madeira, Maués, Purus, Negro e Solimões) até o vale do rio Orenoco.

3.4.2 Não existem plantações dignas de nota, nem mesmo nas regiões em que poderiam ser muito rendosas. Deve concorrer para isso o seu lento crescimento e a falsa crença de que a castanheira só frutifica aos 25 anos. Apenas no Estado do Amazonas, o dia 29 de abril é oficialmente denominado 'dia do castanheiro' e destinado a festas e plantação de mudas. Encontram-se, todavia, indivíduos esparsos em muitos pomares do Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, bem como em jardins botânicos. Existem campos de ensaio de cultura da castanheira na Malásia.

3.4.3 Embora o valor das castanhas seja muito grande e o seu aproveitamento exija apenas o trabalho da colheita, não é raro ser encontrada no mercado a sua madeira, que aliás é excelente para construção civil e naval, esteios e obras expostas ao tempo. Sua casca produz estopa de ótima qualidade, muito empregada atualmente na calafetação de embarcações e, antigamente, pelos nativos, para a confecção de roupas.

3.4.4 A castanheira-do-pará produz frutos do tipo pixídio, mas que não soltam o opérculo. São quase esféricos, com 8 a 15cm de diâmetro, paredes lenhosas espessas e extremamente resistentes.

3.4.5 Os frutos são geralmente colhidos e quebrados a machado, para retirada das sementes, mas pode-se serrar o opérculo, retirar as sementes e aproveitar-se o envoltório para fabricar farinheiras, cofres e outros objetos de fantasia, os quais, previamente envernizados, encontram grande aceitação no comércio. Se não forem colhidos, acabam caindo e, por destruição natural do envoltório, liberam as sementes. A queda de um desses enormes e pesados frutos pode causar vítimas.

3.4.6 Cada fruto encerra de 12 a 24 sementes, as castanhas, angulosas, de revestimento duro e rugoso, estreitamente comprimidas e envoltas em polpa amarela. O alto valor econômico da castanheira-do-pará reside nessa castanha.

3.4.7 A prosperidade dos Estados do Amazonas e Maranhão, que repousava na extração da borracha e fora abalada com o declínio de sua exportação em conseqüência da concorrência dos mercados internacionais, conseguiu restabelecer-se graças à exportação da castanha, principalmente para os E.U.A., Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Bélgica. Na verdade, conhecida na Europa desde meados do séc. XVII, é ela consumida hoje na alimentação humana em todos os principais países do mundo.

3.4.8 A castanheira-do-pará tem crescimento moroso; só frutifica aos oito anos, e apenas aos 12 atinge produção normal. Calcula-se que os indivíduos adultos podem dar até meia tonelada de frutos por ano. As castanhas que caem naturalmente após a maturação conservam-se em bom estado durante anos.

3.4.9 Os sertanejos comem-na crua, assada e reduzida a óleo para substituir a banha de porco. Além disso, ralam as castanhas ainda verdes, para obter por expressão um líquido latescente, usado de mistura ao café ou para fazer mingaus. Quando cruas, têm excelente sabor, com largo emprego em confeitaria de doces finos, sobretudo nos E.U.A. e na Inglaterra, substituindo com vantagem as amêndoas.

3.4.10 Dos envoltórios rijos das castanhas, faz-se torta, que contém 60% de matéria nitrogenada, 25% de celulose e matéria não nitrogenada, além de açúcares e matéria amilácea excelente na alimentação dos animais. Livre desse envoltório e depois de dessecada, a castanha fornece 60% de um óleo amarelado, transparente, inodoro, doce e fino, nutritivo e de agradável sabor, que foi usado como sucedâneo do azeite de oliveira, bem como na adulteração do óleo medicinal de amêndoa doce.

3.4.11 Esse óleo contém 74% de oleína e 26% de estearina, e é empregado tanto na cozinha, como no fabrico de sabões finos, em preparados farmacêuticos com propriedades emolientes, na iluminação e na lubrificação de relógios e de outros maquinismos delicados.

4 **Bibliografia.** Correia, Manuel Pio. *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exoticas cultivadas*. Rio de Janeiro, 1926-./ Decker, João Siegfried. *Aspectos biológicos da flora brasileira*. São Leopoldo [1936?]./ Engler, Adolf. *Syllabus der Pflanzenfamilien*. Berlin, 1954-1964. 2 v./ Joly, Ailton Brandão. *Botânica: introdução à taxonomia vegetal*. São Paulo [1966]./FAUR./FROT.

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313,00
Fls. 17

LE CORBUSIER

1 **Vida.** Arquiteto franco-suíço, Charles Edouard Jeanneret, dito Le Corbusier, nasceu em La Chaux-de-Fonds, Suíça, a 6 de outubro de 1887 e morreu na Riviera, França, a 27 de agosto de 1965. Um dos pioneiros da arquitetura moderna, Le Corbusier não possuía formação acadêmica, tendo freqüentado apenas a escola de arte de sua cidade natal. Fez breves estágios nos escritórios de Ludwig Hoffmann, em Viena (1907), de Auguste Perret, em Paris (1908), e de Peter Behrens, em Berlim (1910), onde conheceu dois outros pioneiros, Walter Gropius e Mies van der Rohe.

2 Em 1917 Le Corbusier estabeleceu-se em Paris. Por essa época interessou-se pelos problemas de pesquisa estética na pintura, criando, juntamente com Amedée Ozenfant e Paul Dermée, o Purismo, movimento que postulava uma espécie de plasticismo puro, numa tentativa de superação do Cubismo. A revista *L'Esprit Nouveau*, fundada em 1920, foi o órgão de divulgação do movimento. Uma série de artigos publicados nessa revista foram reunidos depois em *Vers une architecture* (1923; *Rumo a uma arquitetura*), obra que divulgou as teorias revolucionárias de Le Corbusier.

3 **Caracterização.** Em Le Corbusier coexistiram duas tendências básicas que orientaram a sua atividade: o plasticismo puro e o funcionalismo. Com o Purismo tentava superar a arte ainda presa ao referente, a arte

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 3/3,
Fls. 18
a) m

11

ele mesmo estabeleceu entre classes finitas e infinitas resultaram as notáveis proposições sobre os conceitos primários básicos do infinito. Bolzano é um precursor da teoria dos conjuntos de Cantor.

4 Em terminologia moderna, duas classes que podem ser colocadas em correspondência biunívoca dizem-se "similares" ou "eqüipotentes". Uma *parte própria* de certa classe C é qualquer classe que só contém elementos de C. Diz-se que uma classe é infinita se é eqüipotente a uma de suas partes próprias; caso contrário, finita. Essa forma de distinguir classes finitas e infinitas foi postulada por Bolzano, em *Paradoxien des Unendlichen* (1950; *Paradoxos do infinito*), editada postumamente por F. Prihonsky.

5 Devem-se-lhe importantes estudos sobre as funções contínuas não deriváveis, além de trabalhos pioneiros sobre convergência de séries. Seu nome foi associado ao do matemático alemão Karl Weierstrass na designação do famoso *teorema de Bolzano-Weierstrass*: "Em todo conjunto infinito e limitado de números reais existe pelo menos um ponto de acumulação."

6 **Outras obras.** *Beiträge zu einer begründeteren Darstellung der Mathematik* (1810; *Contribuições para uma exposição fundamentada da matemática*); *Athanasia, oder Gründe für die Unsterblichkeit der Seele* (1838; *Atanásia, ou Tratado da imortalidade da alma*); *Lehrbuch der Religionswissenschaft* (1834; *Tratado da ciência da religião*) (anônimo); *Lebensbeschreibung des dr. Bernhard Bolzano* (1836; *Autobiografia do dr. Bernhard Bolzano*); *Wissenschaftslehre* (1837, 4 v.; *Lições de ciências*).

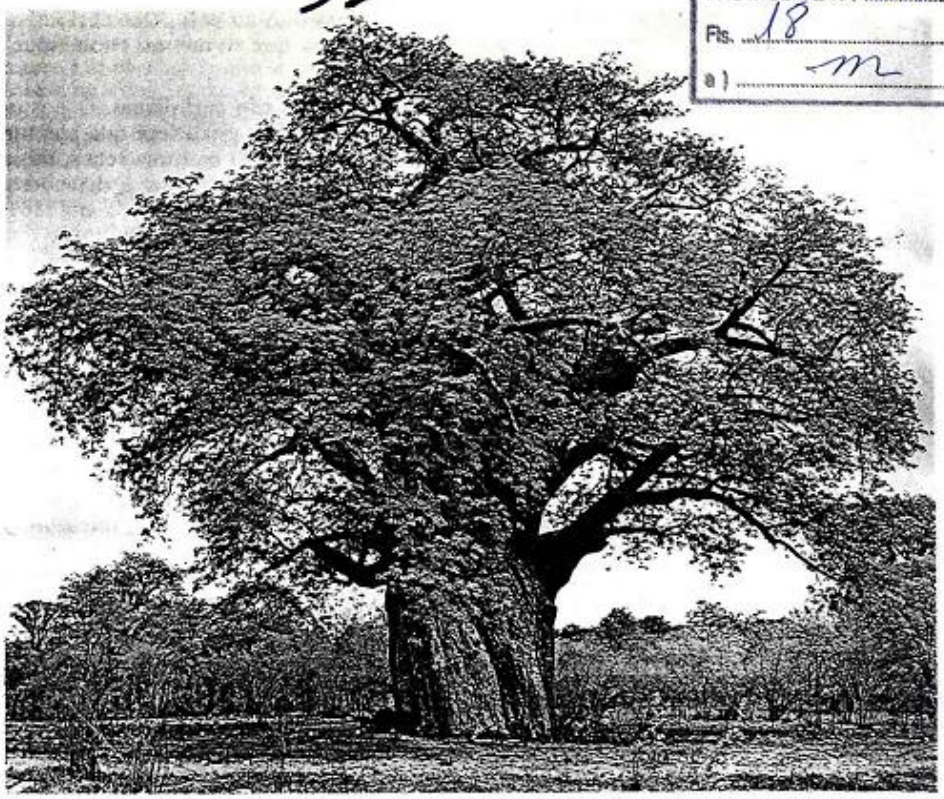
7 **Bibliografia.** Palágyi, M. *Kant und Bolzano*. s. l., 1902. Fels, Heinrich. *Bernhard Bolzano, sein Leben und sein Werk*. Leipzig, 1929./ Sergescu, Petre. *Les recherches sur l'infini mathématique jusqu'à l'établissement de l'analyse infinitésimale*. Paris, 1949./ Bar-Hillel. Bolzano's propositional logic. *Archiv für Philosophie*. Stuttgart, v. 4, 1952./HEGE/CUNH.

BOMBACÁCEA

1 **Etimologia**. *Bombacácea* é palavra erudita resultante do aportuguesamento do lat. cient. *bombacaceae*, 'família de plantas dicotiledôneas', formado de *bombax*, port. *bombácea*, nome de gênero, e de *-aceae*, desinência característica de família, em botânica. O lat. med. *bombax, -cis*, 'algodão', é uma deturpação de sentido e grafia do lat. *bombyx*, 'bicho-da-seda, seda', originário do gr. *bómbyks*, 'bicho-da-seda, roupa de seda'. O adjetivo inglês *bombaceous*, de 1864, deriva da forma obsoleta *bombage*, do séc. XVI, *bombace, -ase*, do séc. XVI-XVII, oriunda do antigo fr. *bombace*, 'algodão'.

2 **Conceituação.** Família de plantas dicotiledôneas que compreende árvores freqüentemente de tronco espinhoso exageradamente grosso por suas reservas de água, com folhas isoladas, palmadas e raramente simples e inteiras, mas sempre com estípulas. As flores são vistosas, axilares, em regra pentâmeras, de perianto duplo e corola de pétalas livres, bissexuadas, com cinco a muitos estames soldados na base, formando tubo curto, e ovário súpero, de cinco carpelos e outras tantas lojas, que produz uma cápsula. As sementes, em regra, são oleaginosas, envoltas em finíssimos pêlos que facilitam a dispersão pelo vento.

3 Pode-se tomar para tipo da família a *paineira branca* (*Chorisia speciosa*), também chamada *árvore-da-paina*, majestoso ornamento dos campos, quando coberta de flores róseas ou quando solta seus flocos muito alvos de paina de seda. A paina é de ótima qualidade, sendo preferida para enchimento de salva-vidas e travesseiros, para forro de roupas e como isolante térmico e de som. Essa linda árvore é a planta nacional da Argentina.



Baobá (Adansonia digitata) FPG

4 Distribuem-se as bombacáceas por 28 gêneros, com cerca de 200 espécies, entre as quais cabe citar as que se seguem.

5 O *baobá* (*Adansonia digitata*), considerada a árvore de tronco mais grosso que existe, podendo atingir 30m de circunferência, embora não seja a mais alta. Suas folhas são comestíveis e da polpa fibrosa dos frutos prepara-se, no Oriente, bebida refrescante, que ativa a respiração e alivia crises febris. De seu tronco pode-se extrair grande quantidade de água.

6 A *barriguda* (*Cavallinesia arborea*), árvore disforme das caatingas brasileiras, por apresentar um tronco alto e dilatado por reserva de água, a meia altura, que pode atingir 5m de diâmetro, encimado por escassos e desajeitados ramos.

7 O *castanheiro-do-maranhão* (*Pachira aquatica*), árvore muito encontrada na arborização das praias, de grandes flores branco-creme, e que produz enorme fruto marrom com grandes sementes comestíveis./ LAUR/FROT.

BOMBAIM

1 **Situação.** Bombaim (Bombay), capital do Estado de Maharashtra, no oeste da Índia, é a segunda cidade do país, seu maior porto e centro comercial. Localiza-se a 18°58′ de lat. N e a 72°50′ de long. E, nas ilhas de Bombaim e Salsette, em frente ao mar Arábico. Seu clima é do tipo monçônico com chuvas concentradas no verão. As temperaturas oscilam entre os 23°C (média de janeiro), e 30°C (média de maio), enquanto as precipitações, concentradas de maio a outubro, ultrapassam os 2.000mm anuais.

2 **Origem e evolução.** É quase certo identificar a origem do nome Bombaim no de *Mumba Bai*, nome de uma deusa local. A região esteve sob o domínio hindu até 1348, quando passou a fazer parte do sultanato de Gujarat, cujo governante a cedeu aos portugueses, em 1534. Esses aí instalaram um forte e algumas explorações agrícolas. Em 1661, a ilha de Bombaim foi cedida aos ingleses, como parte do dote de Catarina de Bragança, irmã do rei de Portugal, e, em 1668, passou a ser administrada pela Companhia Britânica das Índias Orientais. Em 1672, Gerald Aungier, presidente de Surat, transferiu a sede de seu governo para Bombaim e tornou-se o verdadeiro fundador da cidade.

3 Apesar do clima desagradável, com uma longa estação seca e os aguaceiros de verão, o sítio pantanoso e a insalubridade, as vantagens de um porto bem abrigado e profundo foram amplamente aproveitadas. O governador Aungier construiu um hospital, proclamou completa liberdade religiosa e, principalmente, trouxe mercadores que deram uma nova importância a essa capital. Durante o séc. XVIII a cidade cresceu rapidamente tanto no quarteirão europeu como no nativo. Pântanos foram drenados, diversas pontes construídas, iniciou-se o desenvolvimento da navegação com a construção de um estaleiro e fortaleceu-se a função política.

4 Vencidos todos os obstáculos físicos e políticos (guerras contra os holandeses e contra os piratas), a cidade entrou numa fase definitiva de expansão, e viagens mensais, por mar, foram estabelecidas com a Inglaterra. Essa ligação intensificou-se quando, em 1869, foi inaugurado o canal de Suez. Bombaim tornou-se um importante centro administrativo, financeiro e industrial, quando diversas indústrias têxteis, voltadas para a exportação de fios de algodão, foram instaladas. No período em que a guerra civil impediu o comércio dos Estados Unidos com a Europa, Bombaim experimentou enorme desenvolvimento comercial e tor-

lente madeira muito escura, empregada em marcenaria fina.

3.4 Cedro rosa *(Cedrella fissilis)*, também chamada cedro-batata, cedro branco, cedro vermelho, cedro amarelo (em São Paulo), acaju-catinga, iaporaissib (pelos guaranis), basáquiva (pelos chipaias) e uencutanema (pelos curuaés). Árvore nativa em todo o Brasil, podendo atingir até 30m de altura por 1m de diâmetro acima das raízes, que formam sapopemas. Sua madeira é branca, rósea ou vermelha, muito usada em carpintaria e marcenaria. Sua casca é adstringente e emética.

3.5 Carrapateira *(Guarea trichilioides*, também chamada cedro branco, cedrão, cedrorana, marinheiro, açofroa, jitó, bilreiro, nogueira-do-mato, camboatá, guaré, jataúba, macaqueiro, pau-bala, pau-sabão, taúva, iaguá-ratai (pelos guaranis) e gnata-ubá (pelos aborígines do Norte do Brasil.

3.5.1 Árvore nativa desde as Guianas até os Estados de Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo, que atinge 20m de altura por 50cm de diâmetro, de madeira excelente para construções civis e navais. Sua casca contém violento veneno. Entre os aborígines da Amazônia é usada com os mesmos fins da ergotina.

3.6 Andiroba *(Carapa guianensis)*, também chamada nandiroba e andiroba-saruba, árvore originária da Amazônia até o Estado da Bahia, que atinge 30m de altura por 1m ou mais de diâmetro. Sua madeira vermelho-acinzentada é própria para mastros de navios, construção civil, carpintaria e marcenaria. A casca contém o alcalóide *carapina*, um óleo essencial e um óleo fixo, além de outras substâncias, o que lhe confere propriedades antidiarréicas, vermífugas, tônicas e febrífugas; é usada como sucedâneo do quinino.

3.6.1 As sementes produzem um óleo, que, além de empregado em veterinária como laxativo, serve para fabricar sabão, envernizar ferro contra ferrugem e passar na pele para repelir mosquitos.

3.7 *Canjeranas*. Existem muitas espécies, largamente distribuídas por todo o território brasileiro. Quase todas são árvores de grande altura, ou simples arbustos, mas sempre fornecedores de madeira de boa qualidade.

3.7.1 *Cabralea canjerana*, conhecida como canjerana, cajarana, canharana, canjarana, caiarana, cedro, cedro-ná (em Mato Grosso e no Paraguai) e pau-santo. Árvore encontrada do Ceará até o Rio Grande do Sul, de preferência nas matas virgens e capoeirões, abundante na serra do Mar e encontrada também na Argentina. A serragem do lenho é vendida nos herbanários como antidispéptica e para doenças da pele. A casca do caule e, sobretudo, a da raiz é adstringente, com propriedades antidispépticas, narcóticas e abortivas, podendo ser fatal em altas doses.

3.7.2 *Cabralea glaberrima*, árvore encontrada em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

3.7.3 *Cabralea oblongiflora*, arbusto que cresce em Minas Gerais.

3.7.4 *Cabralea polytricha*, arbusto dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

3.7.5 *Cabralea silvatica*, árvore que viceja no Estado do Rio de Janeiro.

3.7.6 *Cabralea montana* e *sulcata*, conhecidas por canjerana-mirim, que crescem no Estado de Minas Gerais.

3.7.7 *Guarea coriacea*, conhecida como canjerana-do-brejo, árvore encontrada nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

3.8 Aglaia *(Aglaia odorata)*, pequena árvore originária da China e da Cochinchina e vulgarizada no Brasil; é muito ornamental. Sua madeira é usada em xilografia. O fruto serve de alimento para alguns animais domésticos. As flores gozam de propriedades antiespasmódicas e contêm um óleo essencial, que na Índia é usado em perfumaria e também para aromatizar o chá.

4 **Bibliografia.** Correia, Manuel Pio. *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exoticas cultivadas*. Rio de Janeiro, 1926- ./ Decker, João Siegfried. *Aspectos biológicos da flora brasileira*. São Leopoldo [1936?]. / Engler, Adolf. *Syllabus der Pflanzenfamilien*. Berlin, 1954-1964. 2 v./ Joly, Ailton Brandão. *Botânica: introdução à taxonomia vegetal*. São Paulo [1966]./ LAUR/FROT.

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313 / 00
Fls. 19

MELK

1 **Situação.** Cidade da Áustria, situada na província da Baixa Áustria, 228m acima do nível do mar, à margem direita do histórico rio Danúbio, entre Linz e Viena.

2 **Origem e evolução.** A origem da cidade se relaciona com o castelo de Namare; em 1277 passou a denominar-se Melk a povoação aí formada e em 1898 ganhou o *status* de cidade. De acordo com dados de 1965, a população total atingia a cifra de apenas 3.534 habitantes.

3 **Funções sócio-econômicas e organização interna.** Melk tem no turismo uma fonte econômica, sendo o famoso mosteiro beneditino o principal objeto de atração. O mosteiro foi construído no séc. XVIII, em estilo barroco, e sua igreja é considerada a mais representativa ao norte dos Alpes, nesse estilo. O conjunto situa-se numa colina granítica, de 57m, à margem do rio; é constituído de igreja, parques, pavilhões, biblioteca (8.000 livros e 1.850 manuscritos), salão de mármore, pinturas famosas, estátuas, altar portátil de marfim e sepulturas. Em 1947 um incêndio destruiu a cúpula da igreja, posteriormente reconstruída.

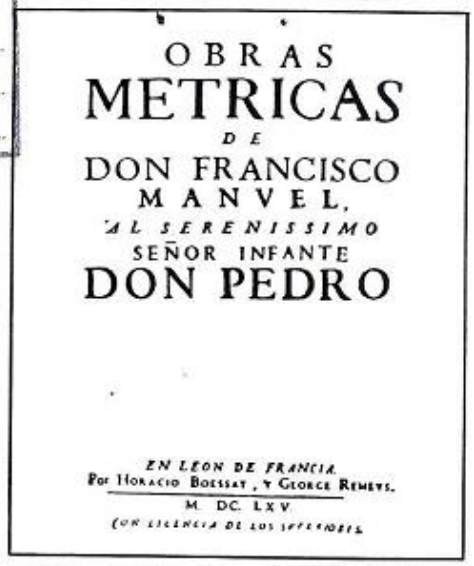
4 A cidade é entroncamento rodoviário, possui hospital, ensino primário e secundário, museu e transporte de balsas que liga ambas as margens do Danúbio. Festivais de verão aí realizados constituem também atração turística./TEIT/GUIM.

MELO
Francisco Manuel de

1 **Vida.** Escritor português de expressão portuguesa e castelhana, Francisco Manuel de Melo, nasceu em Lisboa a 23 de novembro de 1608 e morreu em Alcântara a 13 de outubro de 1666. Uma das figuras mais impressionantes do séc. XVII em Portugal, destacou-se como poeta, crítico literário e de costumes, historiador, militar e diplomata a serviço da Espanha e, depois, de Portugal restaurado. Freqüentou a corte madrilena, onde se tornou amigo de Quevedo e conseguiu obter os favores do poderoso ministro espanhol, o conde de Olivares. Depois de 1640, partidário declarado do rei D. João IV, desempenhou importantes missões militares e diplomáticas. Por motivos ainda obscuros, esteve preso de 1644 a 1655, ano em que, exilado, mudou-se para o Brasil. Com a morte de D. João IV, voltou a Portugal (1658), sendo politicamente reabilitado.

2 **Projeção.** Ao editar *Las Tres musas del Melodino* (1649) Francisco Manuel de Melo afirmou a pretensão de conciliar o estilo espontâneo de Lope de Vega, o classicismo dos irmãos Lupercio e Bartolomé Argensola e o culteranismo de Góngora. Nota-se ainda a influência de Sá de Miranda, Camões, Rodrigues Lobo e Quevedo. Entretanto, essas tendências não se fundem em sua poesia; pelo contrário, justapõem-se ecleticamente.

3 Em Francisco Manuel de Melo não se encontra uma poética coerente, e sim proposições contraditórias que variam segundo os diversos gêneros literários e estímulos sociais que sobre ele agiam nos determinados momentos de sua carreira. O gongorismo domina em suas primeiras poesias, mas as églogas contidas na *Sanfonha de Euterpe* já foram escritas no estilo mais direto de Sá de Miranda. Como prosador, escreveu numa linguagem clara, coloquial, sentenciosa, que, por isso mesmo, exigiu grande trabalho de elaboração.


OBRAS
METRICAS
DE
DON FRANCISCO
MANVEL,
AL SERENISSIMO
SEÑOR INFANTE
DON PEDRO

EN LEON DE FRANCIA.
POR HORACIO BOESSAT, Y GEORGE REMEVS.
M. DC. LXV.
CON LICENCIA DE LOS SVPERIORES.

4 **Obras.** As *Obras métricas* (1665), coleção de suas principais poesias divididas em três partes, cada qual sob a invocação de três das nove musas, abrangem quase todos os gêneros dominantes na península e espelham as principais tendências poéticas da literatura ibérica da época.

5 Destas três partes, a primeira, em castelhano, intitula-se *Las Tres musas del Melodino* e compreende "El Harpa de Melpómene", "La Citara de Érato" e "La Tiorba de Polymnia". A segunda, escrita em português, com o título de *As Segundas três musas de Melodino*, compõe-se de "Tuba de Caliope", "Sanfonha de Euterpe", que inclui três églogas consideradas como das melhores composições do poeta, e "Viola de Talia". Às *Segundas três musas* foi acrescentado o "Auto do fidalgo aprendiz", comédia em três atos que, segundo alguns, teria fornecido o enredo da peça *Le Bourgeois gentilhomme*, de Molière. A terceira parte foi escrita em castelhano e se chama *El Tercer coro de las musas del Melodino*. Compreende: "La Lira de Clio", "La Avena de Tersícore" e "La Fistula de Urania" ("A Flauta de Urânia").

6 Em prosa, Francisco Manuel de Melo deixou muitas obras. Suas *Cartas familiares* (1664), escritas na prisão, tecem considerações sobre o homem, o sofrimento, as desilusões e a morte, refletindo as injustiças sofridas pelo autor. Os *Apólogos dialogais* (editados postumamente em 1721) contêm, entre textos de crítica de costumes, o *Hospital das letras*, primeiro esforço de crítica literária de autores antigos e modernos em língua portuguesa.

7 Como historiador, é autor de *Historia de los movimientos y separación de Cataluña, y de la guerra entre la magestad catolica de Don Felipe el Cuarto, rey de Castilla, y la deputación de aquel principado* (1645), obra clássica da historiografia castelhana da época, e de *Epanaphoras de varia historia portugueza* (1660). Entre seus escritos moralistas, o mais conhecido é *Carta de guia de casados* (1651).

8 **Bibliografia.** Prestage, Edgar. *D. Francisco Manuel de Mello, esboço biographico*. Coimbra, 1914./ Manuppella, Giacinto. *Acerca do cosmopolitismo intelectual de Dom Francisco Manuel de Melo*. Coimbra, 1961. Separata de *Brasília*, Coimbra, *11*, 1960./ / NEVE/CARP.

MELODIA

1 **Etimologia.** O eruditismo port. it. *melodia*, respectivamente do séc. XV e do séc. XII-XIII, esp. *melodía*, c. 1440, fr. *mélodie*, do séc. XII, ing. *melody*, c. 1290, al. *Melodie*,

13

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313/80
20

dins. Na medicina caseira, sua casca é usada como antídoto para o veneno de cobras, útil nas disenterias e inflamações intestinais, nas febres e no reumatismo.

3.10 *Tamanqueira (Tabebuia ovalifolia)*, árvore brasileira que fornece madeira mole e branca com que se confeccionam tamancos, colheres-de-pau e outros utensílios.

3.11 *Flor-de-são-joão (Pyrostegia venusta)*, trepadeira por demais espalhada pelos campos e beira das estradas do Brasil, cuja profusão de flores cor de abóbora enfeita a paisagem nos meses de junho a agosto.

3.12 *Sejagã ou sejagão (Spathodea campanulata)*, também chamada *árvore-tulipa*, de excepcional altura, com grandes flores vermelhas, originária da África, bem aclimatada no Brasil e em todas as regiões tropicais do globo, de grande valor ornamental. Seu botão floral, quando comprimido, esguicha um líquido rico em tanino.

3.13 *Jacarandá mimoso (Jacaranda mimosaefolia)*, também conhecida por *palissandra, jacarandá-violeta* e *carobaguaçu*, grande árvore originária da região central do Brasil, introduzida na Europa, por sua beleza, desde o princípio do século passado. Floresce em dezembro em uma profusão de flores roxo-azuladas, que atapetam o chão e azulecem todo o ambiente. É muito comum na arborização urbana da Guanabara e nas cidades dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

4 **Bibliografia.** Corrêa, Manuel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas não cultivadas*. Rio de Janeiro, 1926- ./ Decker, João. *Aspectos biológicos da flora brasileira*. São Leopoldo [1936]./ Engler, Adolf. *Syllabus der Pflanzenfamilien*. Berlin, 1954-1964./LAUR/FROT.

BILAC, Olavo

1 **Vida.** Poeta brasileiro, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu a 16 de dezembro de 1865 no Rio de Janeiro GB, onde morreu a 28 de dezembro de 1918, considerado o autor mais representativo do Parnasianismo no Brasil. Iniciou estudos de medicina, no Rio de Janeiro, e de direito, em São Paulo, mas não completou nenhum dos cursos. De volta ao Rio de Janeiro, passou a colaborar regularmente na imprensa, onde defendeu a causa da abolição.

2 Jornalista de oposição política, foi perseguido pelo governo de Floriano Peixoto durante a revolta de 1893, passou algum tempo escondido em Minas Gerais e esteve preso na fortaleza de Laje, no Rio de Janeiro. Mais tarde defendeu campanhas cívicas de alcance nacional, entre as quais a mais famosa foi em favor do serviço militar obrigatório. Foi oficial da secretaria do Interior no Rio de Janeiro, e, em 1898, foi nomeado inspetor do ensino público do então Distrito Federal.

3 Secretário da Terceira Conferência Pan-Americana em 1906, no Rio de Janeiro, foi delegado, em 1910, ao Congresso Pan-Americano, em Buenos Aires. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 15, que tem como patrono Gonçalves Dias. Também foi conferencista notável, mas sobretudo foi o poeta mais popular e mais lido nos primeiros decênios do séc. XX.

4 **Projeção.** No começo da década de 1880, a estética parnasiana firmou-se no Brasil, sucedendo ao Romantismo. Olavo Bilac fez sua estréia literária em 1888, com o volume *Poesias*, 1884-1887 (*Panóplias, Via láctea, Sarças de fogo*), dentro do maior rigor dos postulados parnasianos, e foi recebido e saudado pelos dois maiores representantes do grupo, Alberto de Oliveira e

Olavo Bilac — Manchete Press

Raimundo Correia. O livro abre com uma "Profissão de fé", em que exalta o culto do estilo, da pureza da forma e da linguagem, a correção do verso e a sobriedade das imagens; divide-se em três partes: "Panóplias", "Via láctea" (35 sonetos) e "Sarças de fogo", versos impregnados de erotismo.

5 O poeta evoluiu depois para uma fase contemplativa, de reflexão sobre a morte e o destino humano, que culminou no livro *Tarde*, publicado postumamente, em 1919. Deixou ainda conferências literárias, ensaios críticos etc. Autor de sonetos perfeitos, com decassílabos rigorosos, de muita elegância e sonoridade, Bilac foi o maior artífice do verso entre os parnasianos. Sua obra poética está reunida desde 1921 no volume *Poesias*, com várias edições. Bilac foi endeusado em vida e continua popularíssimo; mas a crítica literária lhe fez, a partir do movimento modernista, sérias restrições.

6 **Outras obras.** *Crônicas e novelas* (1894); *Crítica e fantasia* (1904); *Conferências literárias* (1906-1912); *Discursos* (1915); *Ironia e piedade* (1916); *Últimas conferências e discursos* (1924).

7 **Bibliografia.** Veríssimo, José. *Estudos de literatura brazileira*. 5. sér. 2. ed. Rio de Janeiro, 1901-1907. 6 v./ Andrade, Mário de. Olavo Bilac. *Jornal do Commércio*. São Paulo, 20 de ago. de 1920./ Amaral, Amadeu. Olavo Bilac. In: —. *O elogio da mediocridade (estudos e notas de literatura)* São Paulo, 1924./ Grieco, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro [c1932]./ Melo Franco, Afonso Arinos de. Olavo Bilac. In: —. *Idéia e tempo (crônica e crítica)* São Paulo 1939./ Pontes, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro, 1944. 2 v./ Bandeira, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, 1946./ Amoroso Lima, Alceu. Olavo Bilac. In: —. *Primeiros estudos*. Rio de Janeiro, 1948. p. 81-92./REGA/CARP.

BILHAR

1 **Etimologia.** O port. *bilhar*, esp. *billar*, é empréstimo ao fr. *billard*, todos com o mesmo sentido do jogo abaixo definido. Em espanhol o empréstimo já se documenta nesse sentido c. 1750; em português deve ser pouco posterior, graças à introdução do jogo em casas aristocráticas. A palavra passou a designar o jogo, a mesa do jogo, por fim o local ou estabelecimento para o jogo.

1.1 O port. *bilharda*, esp. *billarda*, tem a mesma origem, designando pau roliço equivalente a um taco e modalidade de jogo com esse bastão com bola, ao ar livre. É também em ambas as línguas do fim do séc. XVIII.

1.2 O fr. *billard* documenta-se já no séc. XIV, derivado de *bille*, 'bastão de madeira desbastada, toro, torozinho', depois 'taco de bilhar', talvez de origem céltica. Há outro fr. *bille*, 'bola', de étimo provavelmente diferente, mas de significação convergente através da semântica do jogo.

1.3 O ing. *billiard, billiards*, é empréstimo ao francês e documentado já em 1591.

1.4 O port. *sinuca*, brasileirismo, é adaptação moderna, c. 1930, do ing. *snooker*, nome com que a modalidade do jogo foi introduzida no Brasil e palavra de origem obscura em uso em inglês a partir de 1889.

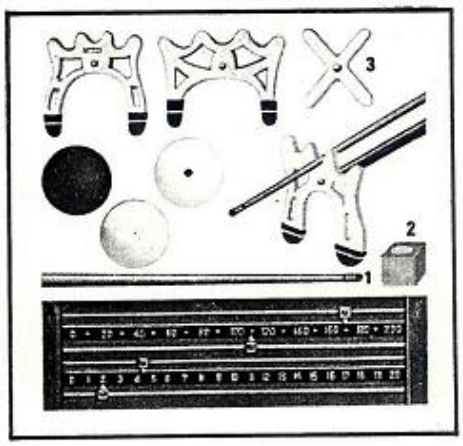
2 **Conceito.** Jogo de salão com um número variável de bolas de marfim ou resina sintética, impulsionadas por um bastão afilado (taco) sobre uma mesa retangular de feltro verde, que, de acordo com a espécie de jogo, terá ou não seis bolsas (caçapas), sendo quatro nas extremidades e duas no meio do lado maior.

3 **Origens.** Nada se sabe com certeza sobre a origem do bilhar. Embora diversos países, entre os quais Inglaterra, França, Espanha, Itália e China, reivindiquem o privilégio de sua invenção, o filósofo cita Anacarse (séc. VI a.C.) faz referência a um jogo semelhante que teria observado durante uma viagem pela Grécia. Modernamente, as primeiras citações do bilhar aparecem em livros editados nos sécs. XVI e XVII, *Mother Hubberd's tale* (1591; *História da mãe Hubberd*) de Edmund Spenser, *Antony and Cleopatra* (1623) de Shakespeare, nas obras de Ben Jonson; e existem alusões históricas a queixas da rainha Maria da Escócia, em 1576, em seu cativeiro, de que lhe haviam roubado a mesa de bilhar.

4 Por volta de 1800, o jogo já se apresenta mais ou menos como é hoje. Antes dessa data, a mesa costumava ser coberta por uma série de obstáculos, como pinos, arcos de ferro etc., que as bolas deveriam atravessar

Há três bolas no bilhar francês, duas brancas e uma vermelha, sendo uma das brancas distinguida por uma mancha preta. Um cabeço de couro (1) é colado à ponta do taco, onde se passa giz (2), para que possa 'pegar-se' à bola. Vários suportes ('fanchos') (3) são disponíveis para tacadas de difícil execução. Em (4) mostra-se um marcador padrão.

Het Spectrum BV - Mitchell Beazley Ltd.



A&A

ALMEIDA E ASSOCIADOS
CONSULTORES LEGAIS

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls 21
a) M

Fax

From: Renato Darcy de Almeida	To: Sr. Adilson
Fax: (55-11) 829-7266	Att:
Phone: (55-11) 820-2671	Date: 13.12.99
Subject: Loteamento Quinta da Baroneza	Fax:

Prezado Sr. Adilson,

Seguem os nomes para sua consulta e protocolo, como combinamos:

- Rua 01 - Alameda das Cisalpinas
- Rua 02 - Alameda dos Plátanos
- Rua 03 - Alameda das Sequóias
- Rua 04 - Alameda das Casuarinas
- Rua 05 - Alameda das Aroeiras
- Rua 06 - Alameda das Grevilleas +
- Rua 07 - Praça dos Resedás
- Rua 08 - Alameda dos Ipês +-
- Rua 09 - Alameda das Grevilleas (*) +
- Rua 10 - Alameda dos Ipês (*) +-
- Rua 11 - Rua das Paineiras
- Rua 12 - Alameda dos Cedros
- Rua 13 - Alameda das Araucárias → L. 3139/98

(*) – as ruas que têm continuidade receberam o mesmo nome.

Aguardo suas notícias a respeito.

Atenciosamente

Renato Darcy de Almeida

Rua Ramos Batista, 152, 11º andar, São Paulo - SP - Brasil – CEP 04552-020 - Tel. (5511) 820.2671 – Fax. (5511) 829.7266 - e-mail: [illegible]

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

C.M.E.B.P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls. 22
a) 2

Protocolo Geral nº 313/2000

Autor: Plenário

Proposição de denominação de vias públicas, despachada à Comissão Especial designada através do Ato da Presidência nº 10 de 15/3/2000, para emissão de pareceres no prazo regimental.

Bragança Paulista, 04 de abril de 2000.

ARNALDO DE CARVALHO PINTO

Presidente da Câmara

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

CX. POSTAL, 074 - FAX 7843-5643

Cédulas de votação secreta

PG 313/2000

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls. 23
Nº 1 2

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls. 04

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO ESPECIAL DESIGNADA PELO ATO DA PRESIDÊNCIA Nº 10, DE 15 DE MARÇO DE 2000, PARA EMISSÃO DE PARECER EM PROPOSIÇÃO DE DENOMINAÇÃO DE VIAS E LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Às dezenove horas e quarenta minutos do dia quatro de abril de dois mil, no plenário da Câmara Municipal de Bragança Paulista, na Praça Hafiz Abi Chedid nº 125, com a presença dos vereadores ADÍLSON LEITÃO, FÁBIO DE ASSIS LIVRERI, JOÃO AFONSO SÓLIS, MIGUEL LOPES (Miguelzinho) e NICOLA CORTEZ, teve início a reunião da comissão especial designada pelo Ato da Presidência nº 10, de 15 de março de 2000, para emissão de parecer em proposição de denominação de via pública, protocolada sob o nº PG 313/2000, de autoria do Plenário. O envelope foi aberto pelo vereador Adílson Leitão e a proposta foi lida pelos vereadores. A seguir foi realizada a votação secreta, cujo resultado, apurado pela comissão, foi de 05 (cinco) votos favoráveis à proposição. A reunião foi encerrada às dezenove horas e cinqüenta minutos. De tudo o que houve, eu, Regina Maria Zanini Damázio, Regina M Z Damázio Diretora do Departamento Legislativo, redigi a presente ata que, lida e considerada de acordo, é assinada pelos vereadores presentes. Casa do Poder Legislativo, 04 de abril de 2000.

ADILSON LEITÃO

FÁBIO DE ASSIS LIVRERI

JOÃO AFONSO SÓLIS (JANGO)

MIGUEL LOPES (MIGUELZINHO)

NICOLA CORTEZ

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

CONFERÊNCIA PRÉVIA

ANOTAÇÕES DE INCOERÊNCIAS GRAMATICAIS OBSERVADAS NO PROJETO DE LEI Nº 16/2000

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/2000
Fls. 25
a)

DE: Departamento Legislativo
PARA: Comissão de Justiça e Redação

1) Cláusula promulgatória:
a) Excluir a vírgula existente após a palavra "aprovou".

2) Art. 1º
2.1) caput
a) Grafar em minúsculo a palavra "Loteamento";
b) Segundo certidão fornecida pela Prefeitura (fl.07), o nome do loteamento é "Quinta**s** da Baronesa" (e não Quinta da Baronesa).
2.2) incisos: Observa-se que a Rua Sete leva a denominação de "Praça" e a Rua Onze mantém tal condição, enquanto as demais são denominadas como "Alamedas".

3) Art. 2º
a) Grafar em maiúsculo a palavra "lei".

Departamento Legislativo, 13 de abril de 2000

Maria de Fátima Sanfins
Assist. de Ativ. de Plenário

Ciente em 24?4/2000. Quanto ao item 2.2 as nomenclaturas estão corretas, conforme consulta verbal efetuada ao Departamento Jurídico da Casa.

Fábio de Assis Livreri
Relator da CJR

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

C.M.E.B.P.
PROT. GERAL Nº 23/00
fls. 26
a)

DESPACHO ÀS COMISSÕES

DISTRIBUIÇÃO DE MATÉRIAS PELA PRESIDÊNCIA PARA EMISSÃO DE PARECERES

MATÉRIA: **Projeto de Lei N.º 16/2000,** de autoria de todos os vereadores da Casa, dispõe sobre denominação de vias públicas (vias localizadas no Loteamento denominado Quinta da Baroneza – diversas vias)

Encaminhe-se a matéria em referência para análise de parecer às seguintes comissões:

[S] COMISSÃO DE JUSTIÇA, REDAÇÃO, DEFESA DO MEIO AMBIENTE E DO CONSUMIDOR

[N] COMISSÃO DE FINANÇAS, ORÇAMENTO, OBRAS, SERVIÇOS PÚBLICOS E DESENVOLVIMENTO URBANO

[N] COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, SAÚDE, SANEAMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

[ ] OUTRAS (Especificar:_____)

Casa do Poder Legislativo, 19 de abril de 2000

ARNALDO DE CARVALHO PINTO
Presidente da Câmara

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313/2000
Fls. 27

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

COMISSÃO PERMANENTE DE JUSTIÇA, REDAÇÃO, DEFESA DO MEIO AMBIENTE E DO CONSUMIDOR.

ASSUNTO: PARECER AO PROJETO DE LEI Nº 16/2000.
RELATOR: FÁBIO DE ASSIS LIVRERI.

1 EXPOSIÇÃO DA MATÉRIA: PROJETO DE LEI N° 16/2000 – do Plenário da Casa – dispõe sobre denominação de vias públicas e dá outras providências.

2 RELATÓRIO:

Quanto à legalidade, o projeto encontra-se formalmente em ordem, atendendo aos requisitos da Lei nº 2.779, de 22 de fevereiro de 1994, que dispõe sobre atribuição de denominação a bens públicos municipais e dá outras providências.

Pretende o autor atribuir o nome de vários tipos de árvores às vias públicas do loteamento Quintas da Baronesa, neste município.

Somos favoráveis ao mérito.

3 CONCLUSÃO: PELA APROVAÇÃO.

Casa do Poder Legislativo, 25 de abril de 2000.

FÁBIO DE ASSIS LIVRERI
Relator e Membro da CJRDMAC

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313 / 2000
Fls. 28

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

COMISSÃO PERMANENTE DE JUSTIÇA, REDAÇÃO, DEFESA DO MEIO AMBIENTE E DO CONSUMIDOR

DECISÃO DA COMISSÃO SOBRE O PARECER DO RELATOR AO PROJETO DE LEI Nº 16/2000, EM 27 DE ABRIL DE 2000.

FAVORÁVEIS AO PARECER	CONTRÁRIOS AO PARECER
José Sérgio Conti Júnior	
Nelson Shinobu Sasahara	
Clóvis Amaral Garcia	
João Afonso Sólis	

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

FOLHA DE VOTAÇÃO NOMINAL

MATÉRIA: Projeto de Lei nº 16/2000

TURNO DE VOTAÇÃO: 1º **EM:** 04/5/2000 **NA** 15ª **SESSÃO** ordinária de 2000

QUORUM PARA: (X) **APROVAÇÃO** ( ) **REJEIÇÃO**

(X) **MAIORIA SIMPLES**
( ) **MAIORIA ABSOLUTA**
( ) **DOIS TERÇOS**

C. M. E. B. P.
Prot.Geral Nº 313/2000
Fl. 29
a.

VEREADOR	*APROVAÇÃO*	*REJEIÇÃO*	*ABSTENÇÃO*	
ADÍLSON LEITÃO	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
ARNALDO DE CARVALHO PINTO (CARVALHO PINTO) DES	SIM ( )	NÃO ( )	ABS ( )	
BENEDITO APARECIDO DE CARVALHO (DITO DO ÔNIBUS)	SIM ( )	NÃO ( )	ABS ( )	AUSE
CLÓVIS AMARAL GARCIA (CLOVINHO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
FÁBIO DE ASSIS LIVRERI	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
JOÃO AFONSO SÓLIS (JANGO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
JOÃO SOARES SOUZA LIMA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
LUÍS CARLOS FERREIRA (VÉIO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
LUIZ GONZAGA PIRES MATHIAS	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
LUIZ VILLAÇA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
MARÇAL ALVES DE OLIVEIRA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
MARCO ANTÔNIO MARCOLINO	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
MARCUS VINÍCIUS VALLE JÚNIOR	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
MIGUEL LOPES (MIGUELZINHO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
NELSON SASAHARA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
NICOLA CORTEZ	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
PAULO MÁRIO	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
PAULO MIGUEL ZENORINI	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
SERGINHO CONTI	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )	
TOTAL	17	0	0	

RESULTADO: APROVADO POR UNANIMIDADE

PRESIDENTE **PRIMEIRO SECRETÁRIO** **SEGUNDO SECRETÁRIO**

OBS:

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

FOLHA DE VOTAÇÃO NOMINAL

MATÉRIA: Projeto de Lei nº 16/2000

TURNO DE VOTAÇÃO: 2º EM: 16/5/2000 NA 16ª SESSÃO ORDINÁRIA

QUORUM PARA: (X) APROVAÇÃO ( ) REJEIÇÃO

(X) MAIORIA SIMPLES
( ) MAIORIA ABSOLUTA
( ) DOIS TERÇOS

C. M. E. B. P.
Prot.Geral Nº 313/00
Fl. 30
a.

VEREADOR	APROVAÇÃO	REJEIÇÃO	ABSTENÇÃO
ADÍLSON LEITÃO	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
ARNALDO DE CARVALHO PINTO (CARVALHO PINTO) DES.	SIM ( )	NÃO ( )	ABS ( )
BENEDITO APARECIDO DE CARVALHO (DITO DO ÔNIBUS)	SIM ( )	NÃO ( )	ABS ( )
CLÓVIS AMARAL GARCIA (CLOVINHO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
FÁBIO DE ASSIS LIVRERI	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
JOÃO AFONSO SÓLIS (JANGO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
JOÃO SOARES SOUZA LIMA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
LUÍS CARLOS FERREIRA (VÉIO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
LUIZ GONZAGA PIRES MATHIAS	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
LUIZ VILLAÇA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
MARÇAL ALVES DE OLIVEIRA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
MARCO ANTÔNIO MARCOLINO	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
MARCUS VINÍCIUS VALLE JÚNIOR	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
MIGUEL LOPES (MIGUELZINHO)	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
NELSON SASAHARA	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
NICOLA CORTEZ	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
PAULO MÁRIO	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
PAULO MIGUEL ZENORINI	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
SERGINHO CONTI	SIM (X)	NÃO ( )	ABS ( )
TOTAL	17	0	0

RESULTADO: APROVADO POR UNANIMIDADE

PRESIDENTE PRIMEIRO SECRETÁRIO SEGUNDO SECRETÁRIO

OBS: Redação final dispensada, requerimento do vereador Luiz Villaça, aprovado por unanimidade.

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº. 313 2000
Fls. 31
a)

CONFERÊNCIA – AUTÓGRAFO

REGISTRO DE CONFERÊNCIA DO DOCUMENTO VIRTUAL REFERENTE AO AUTÓGRAFO DO PROJETO DE LEI Nº 16/2000.

1 Art. 1º - todos os incisos

a) Grafar em maiúsculo as iniciais dos números das ruas, que estão grafados por extenso e entre parênteses.

OBS: Por lapso, não constou da conferência prévia a incorreção aqui apontada.

Departamento Legislativo, 19 de maio de 2000

Maria de Fátima Sanfins
Departamento Legislativo

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls. 321
a)

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL

AUTÓGRAFO

PROJETO DE LEI Nº 16/2000

Dispõe sobre denominação de vias públicas e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL, FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA APROVOU E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º As vias públicas sem denominação oficial, localizadas no loteamento denominado Quintas da Baronesa, abaixo descritas, passam a vigorar com as seguintes denominações:

I - de Rua 01 (Um) para **ALAMEDA DAS CESALPÍNIAS**;

II - de Rua 02 (Dois) para **ALAMEDA DOS PLÁTANOS**;

III - de Rua 03 (Três) para **ALAMEDA DAS SEQUÓIAS**;

IV - de Rua 04 (Quatro) para **ALAMEDA DAS CASUARINAS**;

V - de Rua 05 (Cinco) para **ALAMEDA DAS AROEIRAS**;

VI - de Rua 06 (Seis) para **ALAMEDA DAS GREVILEAS**;

VII - de Rua 07 (Sete) para **PRAÇA DOS RESEDÁS**;

VIII - de Rua 08 (Oito) para **ALAMEDA DOS IPÊS**;

IX - de Rua 09 (Nove) para **ALAMEDA DOS JEQUITIBÁS**;

X - de Rua 10 (Dez) para **ALAMEDA DAS CASTANHEIRAS**;

XI - de Rua 11 (Onze) para **RUA DAS PAINEIRAS**;

XII - de Rua 12 (Doze) para **ALAMEDA DOS CEDROS**;

XIII - de Rua 13 (Treze) para **ALAMEDA DOS JACARANDÁS.**

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls. 33
a)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Casa do Poder Legislativo, 19 de maio de 2000.

ARNALDO DE CARVALHO PINTO
Presidente da Câmara

LUIZ FRANCISCO VILLAÇA
1º Secretário

LUÍS CARLOS FERREIRA
2º Secretário

Projeto de autoria de todos os vereadores.

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313 / 00
Fls. 34

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL

ASSUNTO: RELATÓRIO DE ELABORAÇÃO DO AUTÓGRAFO DO PROJETO DE LEI Nº 16/2000 (PG Nº 313/2000).

Tendo sido dispensada a apreciação da Redação Final do Projeto de Lei nº 16/2000, aprovado sem emendas em 2º turno durante os trabalhos da 16ª sessão ordinária de 2000, realizada em 16 de maio último, coube a esta Mesa Diretora realizar correções no texto do projeto.

Ressaltamos que foram observadas as anotações de incoerências gramaticais realizadas pelo Departamento Legislativo, conforme registro das folhas 25 e 31 do processo.

Casa do Poder Legislativo, 19 de maio de 2000.

ARNALDO DE CARVALHO PINTO
Presidente da Câmara

LUIZ FRANCISCO VILLAÇA
1º Secretário

LUÍS CARLOS FERREIRA
2º Secretário

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313 / 00
Fls. 35

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

OFÍCIO GP-DEL Nº 117/2000

Casa do Poder Legislativo, 19 de maio de 2000.

SENHOR PREFEITO:

Servimo-nos deste para encaminhar a V.Exa. os autógrafos dos projetos aprovados durante os trabalhos da 16ª sessão ordinária de 2000, realizada em 16 de maio último, conforme segue:

1 PROJETO DE LEI Nº 16/2000 – do Plenário da Casa – dispõe sobre denominação de via pública e dá outras providências (Denomina várias ruas do loteamento Quintas da Baronesa).

2 PROJETO DE LEI Nº 17/2000 – dos vereadores Paulo Mário e Luiz Gonzaga Pires Mathias – dispõe sobre denominação de via pública e dá outras providências (Rua **Antonio Sérgio de Oliveira Lolli**).

3 PROJETO DE LEI Nº 20/2000 – desse Executivo – dispõe sobre concessão de uso a título gratuito, pelo prazo de 20 (vinte) anos, de quadra poliesportiva pertencente ao patrimônio público municipal e dá outras providências.

4 PROJETO DE LEI Nº 21/2000 – dos vereadores Paulo Mário e Luiz Gonzaga Pires Mathias – dispõe sobre denominação de via pública e dá outras providências (Avenida **Pedro Geraldo Costa**).

5 PROJETO DE LEI Nº 29/2000 – do vereador Marco Antonio Marcolino - declara de utilidade pública a entidade **Associação Núcleo Cidade Jardim**.

6 PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº 10/2000 – desse Executivo dispõe sobre autorização de terreno a indústria (Donatária: ***Refax Indústria e Comércio Ltda.***).

7 PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº 11/2000 – desse Executivo – dispõe sobre autorização de terreno a indústria (Donatária: ***F.C.I. Comércio e Indústria Ltda.***)

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls. 36
a)

8 PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº 12/2000 – desse Executivo – dispõe sobre autorização de terreno a indústria (Donatária***: Embalabor Indústria e Comércio Ltda.***).

Agradecendo as atenções dispensadas, subscrevemo-nos.

ARNALDO DE CARVALHO PINTO
Presidente da Câmara

Ao
Exmo. Sr.
JOSÉ LAVELLI DE LIMA
Prefeito da Estância de
Bragança Paulista – SP

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

REGISTRO DE TRÂMITE NAS COMISSÕES

C.M.E.B.P.
PROT. GERAL Nº 318/00
fls. 37
a) _____

MATÉRIA: Projeto de Lei nº 16/00

COMISSÃO DE JUSTIÇA, REDAÇÃO, DEFESA DO MEIO AMBIENTE E DO CONSUMIDOR

RECEBIDO EM: 24/4/2000 POR: _____

José Sérgio Conti Junior
Presidente da Comissão

RELATOR: Fábio de Assis Lemos **PRAZO DO RELATOR :** 19/5/2000

PRAZO DA COMISSÃO: 09/5/2000 **ALTERADO PARA:** ___/___/___ (conforme ocorrência abaixo)

OCORRÊNCIAS QUANTO AO PRAZO DA COMISSÃO: _____

PARECER EMITIDO EM 27/4/2000

Campo preenchido Manuela **em** 24/4/2000

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE BRAGANÇA PAULISTA

C.M.E.B.P.
PROT. GERAL Nº 31/3/00
Nº 38
Hs.

TRAMITAÇÃO DO PROCESSO LEGISLATIVO

MATÉRIA: Projeto de Lei nº 16/00 RECEBIMENTO: 11/04/00
AUTOR (es): Plenário
AUDIÊNCIA PÚBLICA: - DATA: -/-/- HORÁRIO: -
QUÓRUM: maioria simples
Campo preenchido por: solange em 12/4/00

REGIME: Em prazo final

PRAZOS

EMENDAS 14/04/00
1º TURNO PREVISTO: 09/05/00
2º TURNO PREVISTO: 16/05/00
PRAZO FINAL: -/-/-
OBSERVAÇÕES:

Campo preenchido por: solange
Em: 12/4/00

REGISTROS DE CONFERÊNCIAS

		OK	NOK
PRÉVIA	Em 13/4/00 Por: Fátima		X
NOVA REDAÇÃO	Em Por: N/APLICÁVEL	/	/
REDAÇÃO FINAL	Em Por: N/APLICÁVEL	/	/
AUTÓGRAFO	Em 19/5/2000 Por: Fátima		X
GERAL DO PROCESSO	Em 07/6/2000 Por: Fátima	X	

ADIAMENTOS

ADIADO EM: PARA: RUBRICA:
ADIADO EM: PARA: RUBRICA:
ADIADO EM: PARA: RUBRICA:

ENCAMINHAMENTO AO EXECUTIVO

OFÍCIO N.º GP-DEL 117/2000 DATA DE RECEBIMENTO: 22/5/2000
PRAZO DE SANÇÃO OU VETO: 12/6/2000
DOCUMENTO DE SANÇÃO OU VETO: Lei Nº 3.255, de 26/5/2000
PUBLICADO NO: BJM EDIÇÃO: 02/6/2000 PÁG. 11
Conferido por: Fátima ASEL

Câmara Municipal de Bragança Paulista

TRAMITAÇÃO DE PROJ. LEI LEGISLATIVO

NÚMERO: 0016/00 **Data:** 04/04/20(

Assunto: Dispõe sobre denominação de vias pública. (Denomina com nomes de espécies de árvores as Ruas 01 a 13 do loteamento Quinta da Baronesa)

Destinatário	Dt Envio	Resposta/Despacho	Dt Desp
PROTOC. GERAL 313/00		FOLHAS JUNTADAS DEL	
COMISSÃO ESPECIAL	04/04/200	APROVADO (FL. 23/24)	04/04/20(
CONFERÊNCIA PRÉVIA	13/04/200	FL. 25	13/04/20(
DESPACHO A COMISSÕES	19/04/200	CJR (FL. 26)	19/04/20(
PRAZO DA CJR	24/04/200	FL. 37	24/04/20(
PARECER DA CJR	24/04/200	FAVORÁVEL (FL. 27/28)	27/04/20(
VOTAÇÃO - TURNO 1	09/05/200	APROVADO (FL. 29)	09/05/20(
VOTAÇÃO - TURNO 2	16/05/200	APROVADO (FL. 30)	16/05/20(
CONFER. AUTÓGRAFO	19/05/200	FL. 31	19/05/20(
MESA PARA AUTÓGRAFO	19/05/200	ELABORADO (FL. 32/34)	19/05/20(
ENVIO AO EXECUTIVO	22/05/200	OF. 117/2000 (FL. 35/36)	22/05/20(
PRAZO DE SANÇÃO	22/05/200	SANCIONADO (FL. 38)	02/06/20(
TRÂMITE COMISSÕES		FL. 37	
TRAM. PROC. LEGISL.		FL. 38	
FOLHAS JUNTADAS DEL		FL. 39	

C. M. E. B. P.
PROT. GERAL Nº 313/00
Fls. 39
a) .....